

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

THAÍZE CAROLINE SILVA DE OLIVEIRA

**A ESCOLA COMO CONFIGURAÇÃO DE LAÇOS SOCIAIS: A INCLUSÃO DE UM
SUJEITO COM AUTISMO.**

Brasília, 08 de Julho de 2011.

THAÍZE CAROLINE SILVA DE OLIVEIRA

**A ESCOLA COMO CONFIGURAÇÃO DE LAÇOS SOCIAIS: A INCLUSÃO DE UM
SUJEITO COM AUTISMO.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de **licenciado em Pedagogia**, submetido à comissão examinadora da **Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB**, sob a orientação da Professora Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues.

Orientadora: Prof.^a Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Brasília, 08 de Julho de 2011.

FICHA CATALOGRÁFICA

OLIVEIRA, Thaíze Caroline Silva.

A escola como configuração de laços sociais: a inclusão de um sujeito com autismo/
Thaíze Caroline Silva de Oliveira. 115 P.– Brasília: Universidade de Brasília – UnB, 2011.
Monografia (Graduação Pedagogia)

UnB/ FE

Folha de Aprovação**THAÍZE CAROLINE SILVA DE OLIVEIRA****A ESCOLA COMO CONFIGURAÇÃO DE LAÇOS SOCIAIS: A INCLUSÃO DE UM
SUJEITO COM AUTISMO.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de **licenciado em Pedagogia**, submetido à comissão examinadora da **Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB**, sob a orientação da Professora Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues.

Brasília, 08 de Julho de 2011.**BANCA EXAMINADORA**

Profª Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues (Orientadora)

Profª. Mestre Edeilce Aparecida Santos Buzar (Examinadora)

Prof.ª Mestre Anelice Batista (Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família pelo apoio sempre presente.

Ao meu pai que me ensinou que acreditar nos sonhos é torná-los possíveis.

A família Felipe, pois sem eles eu jamais teria conseguido finalizar mais essa etapa da minha vida acadêmica.

Ao amigo Diego Brandão que sempre esteve ao meu lado e sempre soube o que queria dizer quando nem eu sabia.

As amigas, Kelen, Léia, Liliane e Rayane que sempre me apoiaram e me ajudaram nos momentos mais complicados e sem inspirações.

Ao amigos de Belém de forma geral que entenderam a importância que tem em minha vida, mesmo ao longe.

Aos professores que diretamente ou indiretamente contribuíram para essa vitória.

As professoras, Anelice Baptista, Edeilce, Celeste Kelmam, Fátima Rodrigues que me ensinaram que a educação especial não é uma tarefa fácil, mas satisfatória.

E o mais importante agradecimento, a Jesus, toda honra e glórias.

Num bosque, perto de um lago, uma pata fez seu ninho. O patinho que nasceu por último era feio e passou a ser maltratado pela mãe, pelos irmãozinhos e pelos outros patos.

Um dia, não suportando mais, o patinho feio foi embora. Ele viveu, muitas aventuras e passou por outros sofrimentos.

Finalmente, se viu num magnífico jardim. Aí encontrou três belos cisnes e descobriu que ele era, na verdade, um cisne, um lindo cisne.

(“O patinho feio”. Hans Anderson, 1943 APUD Projeto Buriti, 2007, p. 200).

RESUMO

OLIVEIRA, Thaíze Caroline Silva de. **A ESCOLA COMO CONFIGURAÇÃO DE LAÇOS SOCIAIS: A INCLUSÃO DE UM SUJEITO COM AUTISMO. 127 P.** (Graduação em Pedagogia). Brasília: UnB, 2011.

A reflexão entre as relações existentes no contexto escolar e uma criança com autismo são os marcos norteadores desse trabalho, que busca identificar os laços sociais e suas formações afim de caracterizar uma real inclusão criança. Para tal, foi feito uma breve elucidação da educação e da educação especial, da questão cultural e das relações exercidas nesse contexto na sociedade e, por fim, uma reflexão sobre o autismo, com algumas definições e concepções, tendo por objetivo geral de investigar porque a escola é uma das principais instituições com poder de laço social e identificar a maneira como se da a inclusão educacional com sujeitos com autismo. Foi feita a observação da instituição por um período de dois anos, onde a criança foi acompanhada de perto, motivada pela forma como essa criança é inserida no espaço escolar e nas características que provem dessa relação e nos laços sociais que se construíram com ele e para ele.

PALAVRAS-CHAVE: Laços sociais, Educação Inclusiva, Sociedade, Autismo.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Thaíze Caroline Silva de. **SCHOOL AS A SETTING FOR SOCIAL TIES: THE INCLUSION OF A SUBJECT WITH AUTISM.** 127 P. (Undergraduate degree in Education). Brasília: UnB, 2011.

Reflecting the relationship between school context and in a child with autism are milestones that guide this work, which seeks to identify the social ties and their formations in order to characterize a real inclusion child. To this end, made a brief elucidation of education and special education, the cultural issue and relation sexercised in this context in society and, finally, a discussion about autism, with some definitions and concepts, with the overall aim to investigate because school is one of the main institutions with the power of social ties and identify how education is the inclusion of subjects with autism. Observation was made of the institution for a period of two years, where the child was closely followed, motivated by how the child is placed in the school and the features that prove this relationship and the social ties that were built with it and him.

PALAVRA-CHAVE: Social ties, Inclusive Education, Society, Autism.

LISTA DE ABREVIACÕES

- **MEC:** Ministério da Educação.

- **TGD:** Transtorno Global do Desenvolvimento.

- **DSM:** Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

- **AMA:** Associação de Amigos do Autista.

- **ABA:** Applied Behavior Analysis (Análise Aplicada do Comportamento)-

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS.....	X
PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO.....	13
PARTE II – MONOGRAFIA.....	18
I-INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO 01: UMA HISTÓRIA DE EDUCAÇÃO: POR ENTRE LAÇOS SOCIAIS.....	21
1.1- A história da Educação Infantil.....	21
1.2- A Educação Infantil Brasileira.....	24
1.3- Escolarização e exclusão social: “entre-nós” dos laços.....	26
1.4 - A educação inclusiva, uma utopia?.....	27
CAPÍTULO 02: OS LAÇOS SOCIAIS, A VISÃO DO EU E DO OUTRO NA SOCIEDADE.....	32
2.1- Quebrando e Construindo Laços: um exemplo.....	32
2.2- A voz de um olhar na sociologia.....	35
2.3- Um sujeito, vários EU’ s.....	37
2.4- Sociedades e Escola: críticas e sugestões.....	39
2.5- Os processos de socialização.....	40
CAPITULO 03: O AUTISMO, UMA EDUCAÇÃO QUE QUEBRA ROTINAS.	45
3.1. As várias concepções que geraram laços sociais com esses sujeitos.....	45
3.2. Algumas definições que geraram nós.....	58
3.3. Falando em educação.....	51
III- METODOLOGIA DE PESQUISA.....	55
- DEFININDO MAIS UM NÓ: O ESTUDO DE CASO.....	56

IV- ANÁLISE DOS DADOS.....	60
V- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
III – Perspectivas profissionais.....	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	85
ANEXOS.....	88

PARTE I - MEMORIAL EDUCATIVO

I – Memorial educativo:

LUA ADVERSA

“Tenho fases, como a lua
 Fases de andar escondida,
 fases de vir para a rua...
 Perdição da minha vida!
 Perdição da vida minha!
 Tenho fases de ser tua,
 tenho outras de ser sozinha.

Fases que vão e vêm,
 no secreto calendário
 que um astrólogo arbitrário
 inventou para meu uso [...]”

Cecília Meireles

Eu me chamo Thaíze Caroline Silva de Oliveira e levei 22 anos para chegar até aqui e ser o que sou hoje. Carrego no bolso muitas histórias para contar, falo delas com alegria (umas mais que outras) e com a certeza de que todas essas experiências construíram uma ponte para minha formação.

Nasci no primeiro dia do ano em mil novecentos e oitenta e nove. Tive uma infância muito boa, Caçula da casa sempre fui protegida e querida por todos. Brinquei muito, sorri, fiz traquinagens, enfim... Fui criança e feliz. Comunicativa, fiz bastante amigos na rua em que morava e na escola. Posso dizer, e sem exageros, que fui moleque. Não fui criada em meio a machismos então brinquei com a delicadeza de uma menina e coragem de um menino, como dizem por aí.



1

Cresci na cidade de Belém, no estado do Pará, e essa cidade faz parte de mim, mais do que a cidade onde nasci. Cresci em um ambiente que me proporcionou uma reflexão intensa sobre a escola e suas práticas, com isso pude obter uma das maiores críticas que faço à escola e que me marcou muito. As escolas de um modo geral possuem como método o trabalho pautado em datas comemorativas e marcantes, por exemplo, o carnaval, páscoa, dia das mães, festa junina e dia dos pais.

Eu cresci sem conhecer meu pai biológico e isso me afetava diretamente nas escolas em que fui matriculada. Tendo meu avô como pai, fugia ao padrão de família que era ensinado. Tenho lembranças de quando me recusava a fazer certas atividades voltadas para o dia dos pais por me sentir deslocada.

Nunca tive todos os meus desejos realizados, até porque, meus avós eram professores, ele de geografia, ela pedagoga, logo, souberam dosar bem meus caprichos. E é por isso que costumo falar que o meu caminho com a educação se resume a uma frase da música Exagerado de Cazuza: “[...] daqui até a eternidade, nossos caminhos foram traçados na maternidade [...]”.

De certa forma essa relação foi complicada, uma vez que minha casa era uma extensão da escola. Até meu avô se aposentar, eu estudei em escolas onde ele trabalhava. Então passei por várias escolas, fechei o ensino médio com 11 escolas no currículo, mas em nenhum desses casos ele foi meu professor, na verdade, nem ele e nem minha avó.

A minha relação com a escola começou cedo, aos dois anos de idade. Meus avôs passaram para mim todo o amor que tinham pela educação, e sempre gostei de ir para escola, pelo gosto do meu avô pelas ciências humanas, eu caminhei por esse lado com gosto.

Da minha educação infantil lembro pouco. Sei que adorava as festas em que participava, principalmente as que tinham a dança como principal foco. Então nessa fase esses

1

Bandeira do estado do Pará.

profissionais foram os que mais me marcaram. Posso citar a professora que me acompanhou no Jardim II, Rosângela, e que se faz presente em minhas lembranças com seu sorriso; a professora Rose, da primeira série, que me acompanha com o seu carinho; o professor César, de artes, ele que sempre me fez rir quando lembro as fantasias e artes que ele trazia com suas apresentações e, por fim, a professora Ângela do segundo ano que não me traz boas recordações pessoais, apenas corretivas. Pode-se observar que me atento mais a características físicas do que as práticas escolares.

Com nove anos em 1998, eu tive uma experiência nova. Onde houvesse um filho precisando de ajuda, lá iam meus avós, e nesse ano voltei para Roraima. Foi um momento delicado, essa mudança foi bem difícil, lembro que deixar minhas tias e amigos e isso foi muito difícil. Acostumar-me com um novo espaço também não foi fácil. Pela primeira vez estudei em uma escola pública, não tive problemas, nem quando entrei e nem quando saí. Lá encontrei professores bons e com uma garra para lutar pela educação que era cativante, como a professora Marilene.

Em Boa Vista as escolas públicas são bem incentivadas, ou eram naquele momento, ao contrário da maioria dos estados, lá as escolas privadas são minorias. Isso não quer dizer que a escola não tivesse problemas, pois os tinha. O número de professores já à época era insuficientes, tínhamos um professor que, às vezes, lecionava duas disciplinas.

Em 2000 tive a visita de um velho fantasma: a mudança. Senti a mudança como uma quebra do meu mundo. Fui estudar em uma escola perto de casa e voltei às particulares. Fiz muitos amigos e era explícito que minha vocação era voltada para as humanas, pois nas exatas eu já era uma negação.

Quando cheguei em 2004, meus avós tiveram que vir para Brasília, pois minha tia caçula estava prestes a ganhar minha priminha, então, eu por minha vez tive a oportunidade de conhecer a capital do país. No ensino médio tive professores excelentes. Lembro-me de aulas divertidas e professores comprometidos, mas poucos me marcaram. Em destaque o meu professor de história que com seu entusiasmo começou a me firmar na área da educação. Ele conseguia passar toda mágica da História. Também desse período ficam os amigos que trago comigo até hoje.

Quem lê esses relatos poderá perceber que minha vida escolar foi marcada por mudanças, tanto de escola quanto de estado. Hoje porém, depois dos turbilhões de sentimentos que me assolaram naqueles momentos, percebo o quanto tive um processo rico.

Ter essas experiências me deu uma visão de escola mais aberta, onde as transformações que ocorrem com os alunos devem sim ser levadas em consideração e respeitadas. Isso faz toda a diferença.

Nunca dei trabalho para meus pais em relação aos meus estudos, nunca fiquei para recuperação e tive poucas notas baixas. E aqui tenho outro exemplo de valor entre família e escola. Essas notas ruins eram nas exatas e no ensino médio, como meu pai era focado nas ciências humanas não gostava delas é claro, mas me punia com menos severidade do que se fosse uma nota ruim em geografia. Assim pude perceber o quanto os valores pessoais interferem. Meu pai sempre me ensinou a importância dos estudos, ele sempre me lembrou que foi por meio da educação escolar que ele conseguiu parar de vender picolé na praia e proporcionar uma vida melhor para sua família e consequentemente para mim.

E foi com essa vontade de superar os obstáculos e realizar os meus sonhos que em 2007 quando minha família decidiu voltar para Belém que eu fiquei sozinha em Brasília para prestar vestibular. Confesso que a princípio meu interesse era em História, mas não existia essa opção no noturno e como precisava trabalhar me voltei para um curso que não apagaria a História ou a educação: a Pedagogia.

Passei e foi como se tirassem uma montanha das minhas costas, pois o sentimento de dever cumprido foi grande. Mas engana-se quem pensa que todos os problemas tinham acabado. Trabalhar durante o dia todo e estudar a noite requer muita força de vontade e disciplina. Quando entrei na faculdade consegui trabalhar na escola em que cursei o ensino médio. Foi uma experiência muito boa e, assim, ver bem de perto a união entre teoria e prática.

Apaixonei-me pela educação. Muitas pessoas passam anos tentando entender o que estão deixando para o mundo e eu comprehendo que a educação se não é determinante para a mudança, é um dos fatores mais importantes. Creio que participo do hoje de cada aluno, fazendo a mudança dentro de cada um, marcando-os com o melhor que posso oferecer: o respeito e a dedicação que tenho.

Já no terceiro semestre encontrei com a professora Anelice, e que professora. Ela me tocou com sua paixão pela educação especial e a partir daí direcionei meu curso para essa área. Busquei projetos com a professora Celeste Kelmam, professora da área da surdez e pude ver outro mundo. Conhecer outras capacidades, habilidades e diferenças. Ela também conseguiu me ensinar que a superação está em algo mais que conseguir, está no sentimento de

querer ultrapassar barreiras. A professora Edeilce também me ajudou muito a entender a educação especial, com avaliações que trabalhem com pessoas e não com simples números.

Em 2009, motivada por essas pessoas comecei a trabalhar com uma criança com autismo. Essa área me arrebatou e sinto muito prazer pelo que faço. Quando comecei a trabalhar com essa criança me senti um pouco perdida e procurei ajuda. Busquei os professores que tanto me cativaram. Em 2010 tive um achado na faculdade que foi a professora Fátima Lucília que desde então me acompanha com sua experiência e força de vontade na área do autismo. Com ela compreendi melhor esse mundo e, com seu apoio, passei a me sentir mais segura, mesmo sabendo que nessa área ainda há muito o que aprender. Dessa parceria veio a vontade de realizar este trabalho, que expõe o que acredito e o que espero.

Olhar o outro sem os olhos do preconceito não é uma tarefa fácil, mas é gratificante e é no sorriso da criança que eu acompanho desde 2009 que me motivo todos os dias pra poder dizer: “você pode!”.

PARTE II - MONOGRAFIA

I- INTRODUÇÃO

Este trabalho visa estabelecer uma reflexão sobre as relações que se estabelecem dentro no contexto escolar de uma criança com autismo. A essa relação chamada, neste trabalho, de laços sociais, fica a questão de como ela se constrói dentro de sala e nos demais espaços, possibilitando uma inclusão de verdade, na qual não se pense apenas na criança, mas que beneficie a todos, e dessa interação a escola que ora influencia, ora é influenciada pela sociedade, num movimento cíclico pode transformar os preconceitos existentes acerca das pessoas com autismo.

O referencial teórico deste trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo realiza-se um amparo histórico sobre a educação infantil no contexto mundial e no nacional. Refletindo como ela se deu ao longo dos anos, se fortalecendo e se reconstruindo com os laços que a sociedade julga importante e remonta na escola. Também se realiza um histórico sobre a educação especial com a Lei de Diretrizes e Bases- LDB, o material disponibilizado pelo Ministério da Educação- MEC e com Rizzo (1983) que falam bem sobre os enlaces que se deram e os conflitos que permeiam até hoje nesse contexto.

No segundo capítulo trabalha-se com a questão da cultura, sobre o que fica e o que vai, bem como a forma como essas relações se dão no contexto da sociedade. Com Vera Candau (2005), Tânia Quintaneiro (2005), Roque Laraia (2007) e outros autores, a questão da formação individual e coletiva é tratada como meio de romper “nós” como a intolerância e não traz métodos para uma boa educação, mas exalta a questão do respeito ao outro, como sujeito capacitado.

No último capítulo é realizada uma reflexão sobre o autismo, com definições como as que são encontradas no site da Associação dos Amigos do Autismo- AMA, definições médicas com DSM IV, definições de autores como Mariana Kupfer (1999) e Roberto Baptista (2009) que trazem concepções diversas sobre esses sujeitos. Aqui também se faz uma elucidação da educação dessas crianças que parte muitas vezes de ideias e crenças familiares e como isso pode influenciar nas questões de socialização e construção de laços sociais.

Com o objetivo geral de investigar porque a escola é uma das principais instituições com poder de laço social e, consequentemente, identificar como efetivar a inclusão educacional de sujeitos com autismo, a escola escolhida para a realização da pesquisa de campo foi a instituição na qual houve uma observação de dois anos, onde a criança foi

acompanhada de perto. O trabalho desenvolvido é como professora da criança e a motivação veio da forma como essa criança é inserida no espaço escolar e nas características que provém dessa relação, e também nos laços sociais que foram se constituindo com e para ele.

Diretamente ligados ao objetivo geral, os objetivos específicos são: identificar os laços sociais que ocorrem dentro da escola e em outros ambientes da sociedade; refletir sobre o ato de incluir e os laços sociais que se veiculam na sociedade; compreender como a escola trabalha com a diferença, discutindo o que é educação e as peculiaridades da educação especial, bem como pesquisar o conceito de autismo.

Com isso, a pesquisa de campo foi concebida como um estudo de caso, problematizado a partir dos desenhos das crianças da turma do sujeito da pesquisa, e busca compreender em que momento de socialização a criança aparecerá, e em entrevistas com os vários atores sociais da instituição para colher dados do que ficou para eles nesse inicio de laço para todos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta fundamentação teórica abordará o tema “A Escola como Configuração de Laços Sociais: A inclusão de um Sujeito com Autismo” e terá como base de pesquisa os autores Alberto Tosi Rodrigues (2004), Tânia Quintaneiro (2003), Roque Laraia (2007), Mariana Kupfer (2008), Gilda Rizzo (1983) Claudio Baptista (2009), dentre outros.

CAPÍTULO 01: UMA HISTÓRIA DE EDUCAÇÃO: POR ENTRE LAÇOS SOCIAIS

“Nunca diga a uma criança que é impossível...

Corre o risco de ela acreditar”.

Autor Desconhecido

1.1- A história da Educação Infantil- algumas visões.

Em 1983, Gilda Rizzo apresenta em seu livro uma reflexão sobre a origem da educação infantil e diz que os primeiros registros que se tem dela foram deixados por Platão e que os objetivos nesse momento de educação eram voltados para o uso de apropriação da casa, ou seja, as crianças eram preparadas com as habilidades domésticas para futuramente exercerem a cidadania e conhecer o que mais tarde aprenderiam na escola.

Rizzo e este trabalho continuam sua estruturação passando para outro grande estudioso da área, Comenius, que fala da infância como mais um período normal do desenvolvimento do homem. Para ele a educação deveria considerar a criança acima de tudo. Buscando na educação os objetivos para que as crianças aprendessem o convívio de uma forma mais ampla.

Com o período da “Reforma” da Igreja, o pensamento de que a criança era uma pecadora trouxe alguns objetivos para a educação com um formato de punição, onde a criança necessitava de um guia para se purificar e seguir o caminho do bem: o da Igreja. Rizzo (1983,

p. 13), em seus relatos diz que “a educação se caracterizava por ser corretiva, punitiva, disciplinadora e responsável pela formação das crianças segundo padrões considerados corretos para o adulto”.

Ela também afirma que o primeiro homem que buscou refletir mais sobre as características das fases iniciais da vida, foi Emilio Jean Jacques Rousseau, que entendia a infância como uma fase onde as crianças eram adultos pequenos. Rizzo afirma que Rousseau foi o primeiro homem que se opôs aos dogmas da igreja:

O “Emílio” de Jean Jacques [...] Rousseau pôs em dúvida os dogmas da igreja e defendeu a idéia oposta que preconizava que a criança nascia essencialmente boa e que seus vícios se desenvolviam em contato com a vida que se encontrava a seu redor. Em oposição à doutrinação defendida pela Reforma, ele aconselhava a *não* direção da educação da criança pequena. Esta deveria ser deixada livre, em completa ausência de controle, durante os seis primeiros anos de vida (p. 13).

Já observando alguns marcos históricos que ela traz se pode observar o pós II Guerra, em 1774, onde a sociedade passou por um momento conturbado, pois a falta de condições básicas para a sobrevivência fez com que as crianças pequenas passassem a ser grande preocupação da sociedade francesa, já que a falta de homens que se perderam nas batalhas fez as mães saírem de casa para irem trabalhar e mesmo sendo o porto dessa economia, elas recebiam bem menos que os homens. “Surgiu, então, a primeira escola para crianças de 2 a 6 anos, organizada por João Frederico Oberlin, em Paris” (IBIDEM, 1983 p. 14) que visava protegê-las das ruas. A autora também deixa transparecer nos trechos abaixo um pouco desse contexto:

Com o aumento do número de fábricas, começaram a aparecer na França os *gardeuses d' enfants* (criandeiras), com a finalidade única de retirar das ruas as crianças que perambulavam famintas enquanto suas mães trabalhavam nas fábricas, muitas vezes em regime de 16/18 horas de trabalho [...] (RIZZO, 1983 p. 18-19).

Somente com Froebel se chegou à conclusão que o destino do homem encontra-se ligado à educação dos jovens. Rizzo diz que o principal destaque para a escola progressista ou a Escola Nova² no inicio do século XX, foi à implementação de “Kindergartens” (Jardins de

² Movimento impulsionado pelo crescimento industrial que através dos seus representantes desejava uma escola para todos, pois eles já acreditavam em uma educação renovadora e libertadora de “classes”.

Infância) por Froebel, que criou seu primeiro jardim de infância, acreditando que seria neste momento que o homem se desenvolveria a ponto de ser um ganhador ou um perdedor para o resto da vida. Ele se baseava na linguagem oral-afetiva que é a “visão da forma correta de linguagem entre professor e aluno, como a de base oral-afetiva, única responsável pelo desenvolvimento do pensamento e da comunicação de forma saudável para a criança pequena” e atendia crianças com 3 a 6 anos de idade.

Conforme Rizzo, com Froebel nasceu o Jardim de Infância e a concepção de educar crianças de idade inferior a sete anos, em ambientes especialmente criados para tal, e alguns princípios deste pesquisador ainda permanecem atuais, como, por exemplo,

- *Conhecimento da criança*: visão da criança com ser essencialmente motor, que estar agindo para aprender”;
- “*Importância da experiência da criança*: concepção de que a atividade não é o fim e nem o processo será, mas o significado da experiência (aprendizagem) é o que deve contar”;
- “*Aprendizagem como modificação de conduta*: concepção de aprendizagem como modificação de conduta que se opera dentro do indivíduo, através de sua própria experiência”.

Com essa breve análise “não se pode compreender, na sua essência, o significado e evolução da Educação pré-escolar que se desligam de Froebel e dos movimentos políticos-liberais do antigo e novo continente durante o século XVIII e XIX” (RIZZO, 1983 p. 18) mas apenas realizar uma ponte entre as tantas visões que dele se provém.

Entre tantos pesquisadores da área, não se falaria em escola se não se destacasse Maria Montessori, pois segundo Rizzo ela “abriu sua primeira escola para crianças menores de seis anos em 1907- “A Casa das Crianças”- e em 1909 publicou o “método natural”, com dois anos de experiência”. E ainda que,

[...] deve-se a Montessori a criação de muitos materiais excelentes e apropriados à criança, além do fato notável que foi a redução do tamanho do mobiliário para se tornar adequado à altura das crianças pequenas e até hoje é conservado em todos os jardins do mundo (p. 23).

Outro pesquisador de destaque é Jean Piaget, “[...] um biólogo que dedicou muitos anos à observação, estudos e interpretação dos conhecimentos já existentes. Nunca escreveu (e não deixou) nenhum método de ensino pré-escolar”, mas as suas descobertas, bem como

todo o conhecimento da psicologia acerca do desenvolvimento infantil, devem ser buscadas como base indispensável para qualquer criação pedagógica, mas não devem ser confundidas com pedagogia (RIZZO, 1983 p. 24-25).

1.2- A Educação Infantil Brasileira

Segundo Rizzo (1983) apud Freitas e Shelton (2005) a primeira instituição para educar crianças pequenas no Brasil ficou conhecida como a “Roda dos Expostos”, que era a Fundação Romão Duarte de Mello Matos, dirigida por freiras que cuidavam das crianças abandonadas. Essa casa era muito usada para “esconder a vergonha da mãe solteira”.

Segundo as autoras Rizzo (apud FREITAS E SHELTON, 2005, p. 199) apesar de terem ocorrido muitas iniciativas nos anos anteriores somente

[...] o ano de 1899 pode ser considerado o primeiro marco no que diz respeito ao atendimento de crianças pequena, pois foi fundado neste mesmo ano o Instituto de Proteção e Assistência a Infância do Rio de Janeiro e a primeira creche dos filhos dos trabalhadores do País.

De acordo com Rizzo (p. 25) os maiores destaques na implantação da Escola Nova no Brasil foram Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Heloísa Marinho.

Esses pesquisadores divulgaram a filosofia de Educação de Dewey e lutaram pela sua implantação na escola primária. A convite de Anísio Teixeira segundo Rizzo (1983, p. 25) Heloísa Marinho foi trabalhar no Instituto de Educação- RJ, no Centro de Pesquisa da Criança, tendo Lourenço Filho como diretor.

Ainda segundo a mesma autora (1983, p. 25) Heloísa Marinho criou o curso de formação de professores pré-escolares, que funcionou a partir de 1949, chegando, durante

alguns anos, a ser oferecido em nível superior, de duração plena.

Em 1990, no Brasil começou uma discussão sobre a elaboração do Projeto Político Pedagógico da Educação Infantil, e esse diálogo somente se fortaleceu devido aos debates sobre políticas públicas educacionais onde o governo do país reconheceu os problemas vivenciados nas escolas públicas brasileiras. E em 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LEI n. 9.349/96), no artigo 15 dispõem que

Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica, administrativa e de gestão financeira, observadas as normas gerais de direito financeiro público.

Essa medida trouxe mais autonomia e liberdade para cada instituição elaborar seu próprio plano de trabalho, definindo seus aspectos básicos e as características básicas para que ocorresse uma resposta às demandas da sociedade. Aqui a escola começa a caminhar junto com a comunidade em que está inserida produzindo uma identidade única em cada espaço. No artigo 12º pode-se destacar o parágrafo VI, que afirma que a escola deve “articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola”.

Falar nessas relações que se formam nas escolas, é trazer o assunto sobre cultura à tona. Dentro de cada sala existe uma variedade de alunos banhados pelo conhecimento da família, religião, entre outros aspectos da vida infantil e todo cuidado deve ser tomado quando se trabalha nesse campo.

Os laços sociais que se criam dentro desse espaço são fortes. As crianças participam do processo de socialização existentes e recebem valores e pensamentos que serão internalizados através de uma instituição forte e organizada pela mesma sociedade a que essa criança pertence.

Então, ao observarmos o histórico da educação, embora alguns autores desvinculem a relação escola-sociedade, elas sempre caminharam juntas e apresentaram mudanças no decorrer de seu tempo. Observa-se que a escola se enquadrava dentro das necessidades e perspectivas que a sociedade lhe dava, ora adquirindo o poder de instrução, ora de reordenamento social.

1.3- Escolarização e exclusão social: “entre-nós” dos laços.

Desde o seu surgimento por volta do final do século XVII até os dias atuais, a instituição escolar vem se expandindo na sociedade. Essa expansão acontece, principalmente, de três modos. Um deles é o seu crescente espalhar-se por todo o globo terrestre.

Há, hoje, no mundo, poucas culturas e agrupamentos humanos onde ela não se faça presentes de algum modo. Ainda que seja pelas consequências de marginalização que sua ausência impõe. Outro se refere ao seu gradual e contínuo processo de engolfamento dos mais diversos tipos de atividade humana. Se, no início, essa instituição destinava-se, fundamentalmente, à tarefa de propiciar o domínio da escrita e da leitura, ainda que no seu sentido lato, na atualidade, são poucos os afazeres humanos que não são tornados como objetivos de aprendizagem formal, escolarizada.

A crítica da escolarização não é nova. No início dos anos 20 do século passado, Vygotsky (2003) esboça algumas ideias a respeito de uma sociedade desescolarizada, criticando a prática docente e refletindo a negação educacional que por vezes trata os alunos com uma “engenharia do cultivo dos seres humanos, e ao trabalho docente o caráter gramofone, que institui os professores como apóstolos da redundância” (p. 297), ele afirma também que o único fator educativo é o ambiente social (p. 296).

Pelo fato de existirem escolas, cria-se o pensamento de que o aprendizado só pode ser realizado nela: confunde-se aprendizado com instrução e criam-se métodos de qualificar níveis de aprendizado, relacionados com a frequência à escola e aos títulos e certificados assim obtidos.

Jean Claude Passeron e Bourdieu (2005) faz outra crítica a sociedade, em seu livro “A Reprodução” ele defende a tese de que as características sociais, culturais e políticas do sistema educacional só reforçam e reproduzem uma forma de dominação social. Ele traz com clareza e revela que o discurso sobre direitos iguais de fato não acontece na prática, isso porque ao contrário do que parece, a instituição educacional junto com as classes dominantes não exercem o papel de inclusão, mas sim de exclusão social, transmitindo uma ideia enganosa de um sistema democrático e semeando conceitos de ideologias dominantes.

A escola é, assim, desde o seu surgimento, uma condição muito importante de propagação social e, portanto, de exclusão ou inclusão dentro da sociedade. Trabalhar com o igual e o diferente não é tarefa fácil, mas tem que se ter em mente que a ideia não é fazer

oposição aos lados (PASSERON e BOURDIEU, 2005), mas identificar essa diversidade e respeitá-la de modo que não hajam julgamentos, mas compreensão.

A escola sempre teve muita força nas sociedades em que atua, com o Claudio Baptista (2009) afirma “ir à escola passa a ser considerado como equivalente a ter circulação social, ser reconhecido como parte integrante da polis” (p. 7).

Então a escola deve abrir suas portas e ir ao encontro do novo, permitir que suas crianças e jovens atuem lado a lado com as diferenças e assim quem sabe, poder criar uma sociedade mais consciente da interação que os indivíduos estabelecem.

1.4 - A educação inclusiva, uma utopia?



3

"Algumas pessoas podem rir de mim porque eu tentei e não consegui, mas com certeza eu rirei muito mais porque elas nunca tentaram".

Darcy Ribeiro

Trabalhar em meio à diversidade não deveria ser problema tendo em vista que nenhuma pessoa é igual à outra, todos possuem peculiaridades próprias dos seus Eu's, então por que tantos problemas em torno dessa educação? Uma característica física pode comprovar incapacidade? Uma dificuldade ou mesmo um atraso mental desmerece uma pessoa?

Pensando nesse sentido, é importante ter em mente que

³

Imagen do Google. Inserida aqui como exemplo de inclusão sem estereótipos.

o movimento de inclusão tem origens que decorrem dos limites nos processos de identificação dos sujeitos com necessidades educativas especiais; das críticas aos movimentos excludentes da escola em geral e, em particular, das alternativas paralelas de atendimento, com proposições pedagógicas (BAPTISTA, 2007, p. 91).

O que se pode observar é que as construções sociais sempre influenciaram essas pessoas e a escola. Como por exemplo, a visão sobrenatural que predominou na Antiguidade Clássica. Entre os egípcios, sua causa ligava-se à ideia de maus espíritos, a pecados de vidas passadas. Eram mitos que zelavam pelo bom funcionamento da pessoa e que nessa “diferença constitutiva foi, ao longo dos séculos, um dos elementos “justificadores” das ações de maus-tratos, exposição, violência física e isolamento” (BAPTISTA, 2009, p. 23).

Para os gregos, era um castigo de vingança dos deuses. Também os romanos viam-na como impureza ou pecado do deficiente ou de seus genitores. Os egípcios acreditavam na cura pelo poder divino e pela magia. Entre os romanos, eram comum o abandono e o extermínio e para os hebreus o tratamento consistia de arrependimento e preces, sendo a cura possível pelo milagre e pelo perdão divino. Cada uma dessas sociedades criaram mecanismos para se por diante esses confrontos e eles eram repassados de geração em geração.

Aqui no Brasil, receber crianças com autismo em escolas regulares, com o objetivo de desenvolver um trabalho pedagógico, parecia, até algum tempo atrás, uma tarefa impossível. A educação especificamente voltada para as pessoas portadoras de necessidades educacionais especiais foi iniciada institucionalmente a partir da década de 70, com a criação do CENESP e implantação de setores de Educação Especial nas Secretarias Estaduais de Educação.

Ainda na década de 70, com avanços na medicina e na sociedade se usou a escola especial como forma de exclusão dessas pessoas. Não se pode negar a importância que essas classes tiveram para as crianças incapacitadas de frequentar uma escola regular, mas durante muito tempo essa prática foi usada como forma de segregação. “As classes especiais passaram a se constituir em um espaço de segregação dentro das escolas regulares” (BAPTISTA, 2009, p. 150).

Sempre foi um problema a concepção social de que o deficiente é um status social adquirido e a deficiência, um papel social associado ao status (OMOTE, 1988). No decorrer da história, algumas diferenças entre os homens são selecionadas culturalmente, em razão da valorização de algumas atividades humanas. Então, elegem-se como deficientes aquelas pessoas que

apresentam alguma característica biológica que possa interpor como barreira ao desempenho de atividades socialmente valorizadas.

A escola como parte da educação dessas crianças, ao se formar já vinha carregada de dificuldades geradas ao longo de batalhas entre Estado e Igreja, mas agora, ela coloca o sujeito em foco, com seus próprios mitos. E a educação especial deve ser munida de um novo olhar, de uma nova idéia para conseguir quebrar essas barreiras. “Quero é ressaltar que é possível mudar a relação com esses sujeitos” (BAPTISTA, 2009, p. 145).

Entender que quando uma criança entra na escola ela já traz consigo uma vasta experiência é algo muito discutido nos últimos tempos, mas ao entrar na socialização escolar ela pode ter contato com experiências novas que a motive, essa é um aspecto muito defendido na área especial.

A persistência de um mito associa-se facilmente a outro: o da alternativa técnica [...] A tipologia da anormalidade determina (e limita) a possibilidade de ação educativa, concebida em seu sentido amplo. Tais sujeitos poderiam se beneficiar apenas de certos tipos de intervenção que ora assumem facetas de reabilitação clínica, ora de treinamento de habilidade (BAPTISTA, 2009, p. 23)

Uma escola inclusiva, não deve apenas misturar, mas incluir em todos os aspectos. É fato que muito já foi conquistado, crianças antes escondidas, agora são vistas como inteligências múltiplas, mas entender não é aceitar, e muito ainda tem que ser feito.

Não se esquecendo de outros problemas que assolam as escolas e seus organizadores, como espaços físicos, salários, entre outros, a criança que possui uma síndrome ou uma dificuldade vem carregada de estereótipos qualitativos e dentro da escola ainda tem que lidar com o fato de ser aceita ou não, assim “os processos de negação do “outro” também se dão no plano das representações e no imaginário social” (CANDAU, 2005, p.13).

As expectativas sobre essas crianças até hoje incidem no modelo de normalidade padronizado em anos e a educação por muito tempo incide no que não podem e não no que podem. O olho do Eu superior a alguém que possui uma necessidade especial só aumenta essas disparidades.

Todas as pessoas, os ditos “normais”, as crianças e jovens que de alguma forma necessitam de adaptações, também se constituem das vivências em casa e na escola, da cultura e da forma como encaram a vida, experiências de vida e de herança e também de

práticas pedagógicas e é aqui que muitos problemas começam a surgir, pois muitos profissionais da área da educação não possuem conhecimento suficiente sobre a área especial, e mesmo trabalhando em ambientes ligados a pessoas com necessidades especiais, desconhecem muito, quando não tudo, sobre o assunto. A maioria das pessoas crê em baixas expectativas de ensino para eles.

Uma boa pergunta que norteia essa questão é: “Por que isso ocorre?” A questão gira em torno da grande comparação que ainda hoje é feita entre os alunos tidos como “normais e os anormais”, onde os estigmas que esses carregam começam pela crença de que ser fora das estéticas carregadas pela sociedade é ter incapacidades. E a escola pode começar a mudar isso.

Na escola regular esses sujeitos devem ter voz e direitos assim como Copérnico teve. Uma voz abafada por muitos, mas que com o tempo vem se mostrando mais forte. Esse movimento é cíclico, onde já se espera os confrontos e as várias fontes de lutas por parte de seus defensores.

Mas acreditando que a escola possa continuar a abrir os olhos para essa educação se posso compreender que a riqueza de interações não está apenas em quem é incluído, mas de todos que participam desse movimento. Alterar conceitos não é depreciar os já existentes, mas corrigir o que por anos foi depreciado.

Assim como na declaração de Salamanca, que em 1994 abre as discussões para a escola inclusiva na página VIII artigo 2, se deve acreditar que:

- cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem;
- cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias;
- os sistemas de educação devem ser planeados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades;
- as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades,

Uma pessoa com necessidades educativas especiais tem um Eu e uma vivência, ela se constitui como sujeito e merece mais que a máxima da Constituição que “todos são iguais

perante a lei”, pois essa igualdade deveria permanecer nas oportunidades e não nos padrões de desenvolvimento. Assim como as demais pessoas, elas na inclusão sofrem mudanças, principalmente na valorização.

Então que a educação inclusiva seja aberta a renovações e não mais um apelo legislativo. Que as pessoas não entrem “no perigo das palavras novas que escondem aquilo que se repete criando uma ilusão de mudança” (BAPTISTA, 2007, p. 131).

E com isso, que as novas gerações em contato com uma diversidade de culturas e sujeitos possam entender melhor a dinâmica social e como já dito através das interações iniciais dentro da escola elas possam transformar a sociedade, dando-lhe a oportunidade de ver os por vezes marginalizados, tendo oportunidade de falarem por si.

A escola sendo inclusiva contribui muito mais do que simplesmente dar oportunidade a pessoas com necessidades, ela pode reconstruir valores e voltar essas pessoas para uma sociedade que ainda reluta em aceitar o Outro como ser semelhante. Baptista já dizia que “a presença desses alunos nas escolas regulares vai imprimindo mudanças contextuais que repercutem no sistema de crenças e valores da sociedade” (2009, p. 150). Ela não é apenas para crianças com necessidades especiais, mas de uma forma geral, para todos os atores que constituem o espaço escolar e a própria sociedade.

CAPÍTULO 02: OS LAÇOS SOCIAIS, A VISÃO DO EU E DO OUTRO NA SOCIEDADE.

“Não devemos ter medo dos confrontos. Até os planetas se chocam e do caos nascem as estrelas”. Charles Chaplin

2.1- Quebrando e Construindo Laços: um exemplo.

Para usar um exemplo, o tempo rege o contexto atual da sociedade, prevalece como regente na maioria das decisões e tem poder de legitimar situações pelo seu contexto. Uma vez chamado de Era, ele compõe um arcabouço histórico que remonta à Grécia Antiga e deixa uma herança importante para todos: tudo está em constante movimento. Quando se pensa no tempo como um momento histórico, não se pode esquecer de entender que tudo está interligado, desde o problema à solução. Tudo corresponde a um pensamento, a um valor que prevalece no espaço de um período e em determinado lugar. Assim “o tempo constitui um elemento importante na análise de uma cultura. Nesse mesmo quarto de século, mudaram-se os padrões de beleza. Regras morais que eram vigentes passaram a ser consideradas nulas” (LARAIA, 2007, p. 107)

A história da vida humana é marcada por fatos que mostram que com o passar do tempo, não só há uma evolução territorial, mas um aumento de consciência do sujeito no seu ambiente. Quando se observa o atual sistema de controle financeiro, o capitalismo, se têm como exemplo algumas leis que fundamentam o dia-a-dia das pessoas, sendo destacado que **um dia** possui vinte e quatro horas, **um ano** sem ser bissexto possui trezentos e sessenta e cinco dias e **uma pessoa que possui 22 anos** atinge uma média de 8.030 dias vividos, e pode ter aproximadamente o dobro dessas horas destinadas ao trabalho. Esses dados embora simples pertencem a mecanismos importantes que estão contidos no calendário, nas horas e nos valores que constroem conceitos como produtividade, qualidade, capacidade entre outros termos usados na classificação recente do trabalho. Mas nem sempre foi assim.

Outro exemplo de “maturidade” do tempo são as Leis que normatizam a Astronomia. Existem dois movimentos que mantém o controle e a estabilidade da vida no planeta Terra, são eles: a **Rotação** que é responsável pelo movimento que a Terra faz em torno de si e **Translação** que é o movimento que a Terra faz em torno do sol.

Esse movimentos garantem, por exemplo, o calor do sol e a estabilidade para a manutenção da vida na Terra, bem como a orientação de noite e dia, o que garante a divisão do tempo humano. Essas duas Leis foram consideradas absurdas até alguns séculos atrás. Pessoas morreram e mataram para refutar ou corroborá-las. O conhecimento sobre algo não é determinante e sim uma variante, que pode ser testada e (re) adaptada de acordo com as novas comprovações. Como o antropólogo e professor da Universidade de Brasília Roque Laraia (2007, p. 89) diz, “o homem tribal não possuía microscópios. E teve que construir a partir de suas simples observações as teorias que durariam séculos e ainda hoje têm a validade de verdades científicas”.

Ao longo de toda a história humana não faltam relatos de mudanças ocorridas no âmbito da educação, concepções que perduraram um espaço no tempo e coordenaram toda a estrutura que compunha a sociedade, a discussão sobre o heliocentrismo e o geocentrismo é apenas mais um exemplo desses conflitos.

Entender que Nicolau Copérnico em 1514 não estava louco e sim que possuía um conhecimento diferente foi algo absurdo. Ele rompeu com toda uma tradição que envolvia a mágica de ser o centro do universo. Sendo um dos mais conhecidos pioneiros dessa obra, tinha poucos recursos para comprovar de imediato sua teoria, que só foi aceita tempos depois, em 1922. Durante esse tempo, os seguidores do heliocentrismo foram julgados e condenados por forças e instituições maiores, que dominavam e organizavam o aceito e não aceito. É claro que não se anula o poder da sociedade, que neste período valida as medidas tomadas por novas leis, inquisições e imposições sobre o controle atuante. (BARROS; PAULINO, 2006).

Entende-se que um discurso desse porte incomode e inclusive cause pânico em algumas pessoas. Primeiro porque, usando o exemplo de Copérnico, ele traz uma concepção inovadora na sua explicação quanto na sua aplicação, pois ele vem admitir que até aquele dia, as sociedades eram guiadas por uma “luz errada”, para em seguida entender que as pessoas como as que são conhecidas hoje não são os seres mais importantes do mundo. Admitir que todos, mesmo enquanto pessoas e/ou instituições são vulneráveis e que por isso têm a sua vida ligada a outros fatores foi um problema que veio à tona. Para Alberto Tosi essa diferenciação

pode ser entendida porque “os homens vêem o mundo que os cerca a partir de seus valores.

Não é comum ver situações como essas, onde através de um novo modelo de vida biológica e geográfica uma sociedade inteira tenha que se reorganizar, mas eles acontecem. Claro que aqui não se pode generalizar, um feito como o de Copérnico transcende tempo e lugar e com certeza abalou o ser humano como ainda não se viu. Acontecimentos após essa data tiveram sua importância e seu impacto na vida humana, mas ao tomar como exemplo essa “descoberta” vemos a sua grandeza. E por quê?

Uma Lei ou uma regra que sustenta uma sociedade não se constrói sozinha e do nada. Existe toda uma estrutura que compõem a teoria como razão, lógica, coerência, etc. Ou pelo menos assim parece, além é claro, de ter toda uma sociedade que a valida, que a torna fluente. Para a maioria das pessoas tudo possui um porque destinado a uma reflexão. Com Maria Ligia Barbosa e Tânia Quintaneiro (2003) na 2^a edição do livro Um toque de clássicos, pode se observar através de Marx Weber⁴ que:

Relação social é a probabilidade de que uma forma determinada de conduta social tenha, em algum momento, seu sentido partilhado pelos diversos agentes numa sociedade qualquer. Como exemplos de relações sociais temos as de hostilidade, de amizade, as trocas comerciais, a concorrência econômica, as relações eróticas e políticas (QUINTANEIRO; BARBOSA, 2003, p. 108).

Quando se tinha a Terra como centro do Universo, se tinha o homem como mais importante, o controlador de sua Natureza. E quando se tirou esse centro, não foi só uma lei que mudou, foi um valor, um juízo que o homem produziu sobre si, sobre o outro e sobre o espaço em que vive. Havia toda uma escola filosófica que pensava e refletia sobre os temas vitais, mas rebater a fonte de todo um orgulho era algo marginalizado pelos maiores doutores.

É claro que eventos como esses quando analisados ao longo de um período histórico são considerados raros. Não são poucas as mudanças que ocorreram na mentalidade humana e que a trouxeram para o mundo atual, nem tão pouco a questão de Copérnico foi a que mais atingiu a sociedade, mas sem dúvida poucos eventos colocaram em choque a identidade do sujeito humano.

⁴ Entre tantos trabalhos se pode citar sua importância na Universidade de Munique e na Universidade de Viena onde foi professor de economia, nas negociações do Tratado de Versalhes como delegado, etc.

A relação do indivíduo com sua sociedade é algo antigo e profundo. Em todos os grupos se pode observar as características que tornam a cultura igualitária entre seus membros. Independente de religião e raça as pessoas são regidas e organizadas pelas estruturas que constituem o grupo a que pertencem e que por sua vez validam. “Além disso, os conteúdos atribuídos às relações tampouco são permanentes, seja totalmente ou em parte, assim como as próprias relações entre agentes, as quais podem ser transitórias, duradouras, casuais, repetir-se etc”. (QUINTANEIRO; BARBOSA, 2003, p. 109).

2.2- A voz de um olhar na sociologia.

Buscando um sociólogo na tentativa de elucidar essa questão do homem com sua sociedade pode-se encontrar Marx Weber, que foi um alemão que trabalhou na sociologia até 1920 quando vem a falecer. Ele vê a sociedade como uma rede de interações que se entrelaçam e por vezes se confundem. Para ele a sociedade influencia o indivíduo que por sua vez influencia e constrói a sociedade. Pensar em Weber não é fácil, nem tão pouco entendê-lo, mas Maria Lígia Barbosa e Tânia Quintaneiro tentaram e dizem que “Weber propôs-se a verificar a capacidade que teria o materialismo histórico de encontrar explicações adequadas à história social, especialmente sobre as relações entre a estrutura e a superestrutura” (2003).

É importante ressaltar antes de qualquer coisa, que Weber é tratado nestas linhas como alguém que entende a sociedade como uma teia de interações e trás em sua reflexão a abordagem chamada de Ação Social que é a postura que o homem tem perante a sua sociedade, postura essa que vem ao se analisar a postura do outro. Assim se busca o lado social que vê as interações e não o econômico de seus estudos. Essas ações remontam o que seria a realidade. E a realidade para esse sociólogo é a união entre os homens e seus valores.

Segundo Maria Lígia e Tânia Quintaneiro:

A ação é definida por Weber como toda conduta humana (ato, omissão, permissão) dotada de um significado subjetivo dado por quem a executa e que orienta essa ação - o público, a audiência de um programa, a família do agente etc (WEBER 1979, apud QUINTANEIRO; BARBOSA, 2003, p. 104).

Quando se estuda o homem não deveria deixar de analisar o mundo em que o individuo está inserido, as condições em que ele foi educado, a forma como pensa e reflete perante os outros, assim a cultura deve ser levada em consideração. E mesmo entendendo que não existe uma, mais sim várias culturas, deve-se entender que são elas que norteiam as relações que fazem da sociedade um conjunto.

Ao se lidar com a estrutura da sociedade de Weber, um dos pontos que mais deve ser levado em consideração é o conceito de que através dessas relações e da visão de mundo que se pode ter, existe algo supremo, uma Lei. E essa lei estaria ligada ao “agir em sociedade é um conceito mais específico. O agir em sociedade é um agir em comunidade no qual as expectativas nos regulamentos sociais vigentes” (TOSI, 2004, p. 68).

Os ideais e julgamentos são vinculados com a sociedade a que se pertence, aos vínculos que se criam uns com outros e com o próprio Eu. Também se pode observar que esse autor destaca a Lei como um poder que busca a todos os momentos objetivos que enriqueçam os membros da sociedade.

E é nessa busca que instituições e as suas leis são validadas. Entende-se que assim se internaliza a importância de serem regidos por algo superior e as leis como ponto de partida e de controle, ao passo que muitas vezes nem se é percebido a intensidade desse controle. Ainda de acordo com as autoras:

A conduta será racional em relação a valores quando o agente orientar-se por fins últimos, por princípios, agindo de acordo com ou a serviço de suas próprias convicções e levando em conta somente sua fidelidade a tais valores, estes, sim, inspiradores de sua conduta, ou na medida em que crê na legitimidade intrínseca de um comportamento. Está, portanto, cumprindo um dever, um imperativo ou exigência ditados por seu senso de dignidade, suas crenças religiosas, políticas, morais ou estéticas, por valores que preza tais como a justiça, a honra, a honestidade, a fidelidade, a beleza... [...] (QUINTANEIRO; BARBOSA, 2003, p. 103)

E é através de Weber que se entende um pouco o que em ocorreu 1514 com Copérnico. Uma sociedade é uma rocha presa em Terra firme e ladeada por segurança, que por um bom tempo a protegerá. Quando a teoria do Heliocentrismo nasce à rocha sofre uma ruptura e uma nova configuração tem que se formar para que a natureza em volta não seja prejudicada de forma irreversível.

A sociedade se retraiu e tentou por anos lutar com a nova visão, mas ao poucos, novas estudos e comprovações foram criados e sem ter como erradicá-las por fim foram aceitas. Assim é com muitas questões que vão surgindo, uma ideia nasce e encontra com a barreira do controle, do então aceito, perde alguns defensores e sofre preconceitos, mas com o tempo as pessoas não terão alternativa se não olhá-la e reconstruir os seus valores.

Assim tem se mostrado o ciclo da vida, onde quebrar um paradigma é mais que uma superação, é uma troca. Deixar que o novo entre é mais que permitir é aceitar.

Concluindo, cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre os povos de cultura diferentes (LARAIA, 2007, p. 105)

2.3- Um sujeito, vários EU's

Ao se analisar o comportamento da sociedade hoje não tem como deixar de pensar no quanto ela se transformou desde Copérnico, e o quanto ainda é difícil trabalhar questões novas que a fazem se reestruturar. Em pleno século XXI escutar reflexões com o tema diversidade não é novidade, nem se pode encontrar um tema mais complexo que intriga vários pensadores e no âmbito da escola, professores, coordenadores e pais.

Quando se fala em sujeito, deve-se ter em mente um sujeito singular, alguém com potencialidades e capacidades únicas. Mas essa ideia vem sendo construída ao longo de anos. Heródoto em seus escritos na Grécia antiga sobre os Líciros já descrevia essa peculiaridade,

Eles têm um costume singular pelo qual diferem de todas as outras nações do mundo. Tomam o nome da mãe, e não do pai [...] Além disso, se uma mulher livre desposa um homem escravo, seus filhos são cidadãos integrais, mas se um homem livre desposa uma mulher estrangeira, ou vive com uma concubina embora seja ele a primeira pessoa do Estado, os filhos não terão qualquer cidadania. (HERÓDOTO 484-424 a. C. apud LARAIA, 2007, p. 10-11)

Para compreender uma pessoa tem que se ter em mente que ela é um conjunto, uma composição de valores e sentenças que provém de um grupo, da sociedade a que ela pertence. Cada sujeito é membro da sua comunidade.

Comunidade que possui suas leis e regras que são passados para os seus membros através da educação, e essa não se limita a escola. A sociedade é composta por pessoas que validam essas leis, de modo a garantir um sentimento de pertencimento.

Essa relação entre a sociedade e o indivíduo é longa e nem sempre foi harmoniosa, durante anos foi motivo de julgamentos e de condenações, como no caso do Padre José de Anchieta, que apresentou problemas ao se encontrar com os índios Tupinambás.

As diferenças entre as comunidades trouxeram conflitos e guerras, sem falar em genocídios. Quando se julga algo, é porque se tem um modelo como parâmetro, e muito provavelmente esse certo parte do Eu. O eu que consiste em cada pessoa ao olhar o Outro.

E ao olhar o Outro com os olhos partindo do seu ponto de partida, as diferenças sempre o tornam diferente e em alguns casos, os errados. E não são só os espaços geográficos e nem biológicos que determinam essa relação, é o contexto que cada um está inserido. Um indivíduo passa por todo um processo de aprendizado para conseguir chegar ao pertencimento sua sociedade, como Roque Laraia destaca em seu livro a cultura “é o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação” (2007, p. 19-20).

Durante várias discussões sobre a cultura e os seus laços sociais Laraia reflete sobre o homem como “resultado do meio cultural em que foi socializado” (2007, p. 45). Então ao partir para o desconhecido faz com que as pessoas não consigam se desligar de suas próprias raízes e, consequentemente, tenham pré/conceitos sobre os outros. A herança deixada pelo contexto em que se vive é fundamental para a constituição do Eu, mas não pode ser considerada única.

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência pelas numerosas gerações que os antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções (LARAIA, 2007, P. 46).

A diversidade cultural fez por várias vezes com que as pessoas se chocassem e entrassem em conflitos. Segundo Laraia, “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos [...] são produtos de uma herança cultural” (2007, p. 68).

E é através desses choques que estereótipos e estigmas se formam, como no caso dos índios preguiçosos. A dominação da própria cultura tem por resultado a interiorização do Outro, ou seja, cada cultura possui em sua constituição, um pouco das outras culturas. O chamado etnocentrismo pode sim ser uma resposta para reações tão adversas ao Heliocentrismo, uma vez que é complicado deixar as próprias estruturas e aceitar o novo. Mesmo porque um indivíduo pode participar de uma sociedade de vários modos, “a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura” (LARAIA, 2007, p. 80).

Essa variação torna um indivíduo pertencente a uma cultura, mas essa cultura se constrói com experiências e ideias vividas e interpretadas pelo Eu de cada grupo, ou seja, um ato pode ser absorvido de diversas maneiras.

Cada pessoa entende o mundo à sua volta pelos olhos de sua cultura e a cultura vê o mundo de uma perspectiva diferente das demais, são pontos de visão divergentes.

2.4- Sociedades e Escola: críticas e sugestões.

A sociedade se vê desde os primórdios sendo conduzida pelas heranças que ao longo de séculos vem recebendo. Uma sociedade está baseada na cultura (costumes, vestes, religião, etc.) oriundos da família e da sociedade. Desde que nascem as pessoas estão inseridas em uma cultura e são criadas dentro desse contexto. São seres únicos que embora diferentes em tantos aspectos torna-se semelhantes na diversidade.

Em um tempo não muito distante da atualidade, a escola era usada como primeira forma de exclusão, onde os alunos com necessidades especiais, quando não eram trancafiados em casa pela família, eram renegados à marginalidade do ensino. Hoje, em pleno discurso sobre educação, a inclusão das diferenças vem sendo o alvo. Mas nem todo tipo de inclusão é benéfica, pois aquelas que apenas unem, não realizam de fato uma inclusão, elas apenas

omitem falhas de um processo que pode trazer grandes mudanças.

Valores vão sendo empregados em cada aluno como algo verdadeiro, e como este trabalho não vem para julgar em certo e errado, ele apenas dá luz a um movimento cíclico, pois estas crianças, esses alunos são os “futuros da nação” e tornaram em seus atos as verdades que aprenderam. Kupfer explica bem a infância quando fala que:

“A criança educada à base de castigos e confinamentos (celas pintadas de negro, sem móveis e sem janelas) acabará por ceder, apenas para, logo depois, retomar seus comportamentos agressivos, assim que se sentir livre de todos os constrangimentos” (2008 p. 12).

As diferenças entre as pessoas, a forma que se encara o mundo não podem ser nivelados e nem apagados e sim respeitados, pois essa diversidade perpassa a construção do Sujeito dentro da sociedade. A socialização na escola não deve ser de mera reprodução, mas fonte de um conhecimento que compreenda as diferenças como um fruto bom

Esta socialização deve ser do “Nós” e não do Eu, pois como Everardo Rocha (1994, p. 9) coloca o “grupo do eu faz então da sua visão a única possível, ou mais discretamente se for o caso, a melhor, a natural, a superior”. Mas esse tipo de ação é justamente aquela que colocou durante anos pessoas com algum tipo de deficiência trancafiadas em casa e escondidas pela família pela vergonha.

Vários tipos de imparcialidades acontecem dentro da sociedade e essa, por obter um grande poder de influência nas escolas, passa para dentro de suas paredes esses problemas. Durante anos sob o controle de instituições maiores a escola se viu enquadrada nos moldes pré-definidos. “O que ocorre é que ela é inevitavelmente uma prática social que, por meio da inculcação de tipos de saber, reproduz tipos de sujeitos sociais” (BRANDÃO, 2007, p. 71)

2.5- Os processos de socialização

Em uma reflexão, no livro *Sujeitos da Educação e Processos de Sociabilidade*, Eneida dos Santos e Rogério Campos (2009) citam Boaventura de Sousa Santos na seguinte

afirmação: “as culturais tendem a distribuir as pessoas e os grupos sociais entre dois princípios competitivos de pertença hierárquica: princípio da igualdade e princípio da diferença” (p. 36). E estes princípios estão presentes na rotina de uma escola.

Quando se fala em valores, pretende-se aqui pensar em valores sociais como respeito, compreensão, solidariedade, etc. Valores que motivam a interação entre as pessoas e dão cor ao brilho do coletivo. Estes estão intimamente ligados aos padrões e moldes da escola, guardando as respectivas diferenças em casa espaço.

A escola preserva os moldes da sociedade à qual pertence e repassa aos seus alunos. Cada grupo tem suas regras e leis de boa convivência, não é por acaso que uma das primeiras coisas que se observa em uma escola de educação infantil são os combinados. As pessoas validam esses sentimentos e ações. Elas crescem entendendo o que é verdade e como fazer para ser deste grupo. Elas se sentem pertencentes ao grupo, pois se assemelham aos seus pares. As relações pessoas na sociedade são transmitidas nas relações dentro das escolas.

Citando o mesmo livro anterior, porém com outros autores:

“[...] a estrutura social é constituída por um conjunto de redes interpessoais, baseadas em parentes, amigos, e colegas e trabalho, de lazer dentre outras, as quais compõem, entrelaçadas compõem a sociedade [...]” (DAYRELL e BARBOSA, 2009, P. 238).

A Escola é um campo onde após várias discussões viu seu aluno virar cidadão. Ser reconhecido como um ser pensante que faz parte de todo o processo de construção do conhecimento e não apenas recebe os frutos colhidos. Ele é o meio e fim do processo. A escola que antes era lugar de status e exclusão agora é a primeira forma de inclusão desses vários atores sociais e de seus problemas.

A busca pelos seus pares é frequente, na escola regular (onde se encontra a maior parte dos alunos) se separa por séries, turmas e idades, na busca por uma homogeneidade de pensamentos e condutas. Essa afinidade entre os alunos trás outra reflexão: a afinidade.

Quando se valida as ações de um grupo, é porque o sentimento de pertencimento a ele é aceito por cada membro. Citando Foucault “a verdade está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apóiam, e efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem”

(1988, P. 8). É isso que a Educação promovem esse encontro, essa afinidade com os valores em que se é criado e que auxilia no desenvolvimento das pessoas. Não por acaso, a Educação se tornou método de inserção.

E dentre essas inserções se destaca através de DAYRELL e BARBOSA “[...] o indivíduo somente oferece valores sociais (como amor, alegria, atenção, carinho, etc.) no equivalente ao que ele recebe, tal troca deve se dar de maneira recíproca e na mesma intensidade” (2009, p. 242). E é partindo deste princípio que vejo as relações dentro de uma escola, partindo do micro para o macro.

E pensando neste vínculo que a Educação forma com a sociedade, entende-se porque a escola vem refletindo bastante sobre sua função e posição diante deste aluno. Como as crianças passam boa parte de sua vida nesse ambiente, é natural que para ela, ele seja um local de verdades e máxima de condutas, logo os valores que ela agrupa sobre o tema são profundos. E este é outro tema bastante corriqueiro na atualidade: A escola deve se fazer presente na vida dos seus alunos, e essa relação deve ir além de notas e avaliações, deve trazer vida nova.

Seja por todos os motivos que já foram citados aqui ou e pelos tantos outros que o espaço não permite enunciar, a Educação vem sendo usada para ajudar a combater males e problemas na sociedade. Talvez por isso a necessidade de mudança em suas bases, percorrendo uma trajetória de imposição para construção de um indivíduo.

Enquanto processo de sociabilização, a educação é exercida nos diversos espaços de convívio social, seja para a adequação do indivíduo à sociedade, do indivíduo ao grupo ou dos grupos à sociedade, coincidindo com os conceitos de socialização e endoculturação, proposto por Brandão, onde a criança através desses processos chega a ser um adulto melhor e mais consciente de sua importância social, mas não se resume a estes.

A escola preserva os moldes da sociedade à qual pertence e repassa aos seus alunos. Cada grupo tem suas regras e leis de boa convivência, não é por acaso que uma das primeiras coisas que se observa em uma escola de educação infantil são os combinados. As pessoas validam esses sentimentos e ações. Elas crescem entendendo o que é verdade e como fazer para ser deste grupo. Elas se sentem pertencentes ao grupo, pois se assemelham aos seus pares. As relações pessoas na sociedade são transmitidas nas relações dentro das escolas.

É uma educação que em virtude dos avanços obtidos pelo grupo, vê agora os sujeitos como cidadãos, sujeitos capazes de mudança e de serem críticos. Busca a multiplicidades de

funções e competências para uma melhor capacitação e desenvolvimento. Mas essa educação nem sempre é para todos. Como bem cita Carlos Brandão, a educação às vezes pode assumir uma posição de diferenciadora de pessoas, principalmente em uma realidade capitalista como a que se vê crescer todos os dias.

“Um tipo de educação que pode tomar homens e mulheres, crianças e velhos, para torná-los sujeitos livres que por igual repartem uma vida comunitária; um outro tipo de educação pode tomar os mesmos homens, das mesmas idades, para ensinar uns a serem senhores e outros, escravos, ensinando-os a pensarem dentro das mesmas idéias e com as mesmas palavras, uns como senhores e outros como escravos” (BRANDÃO 1995, p.34).

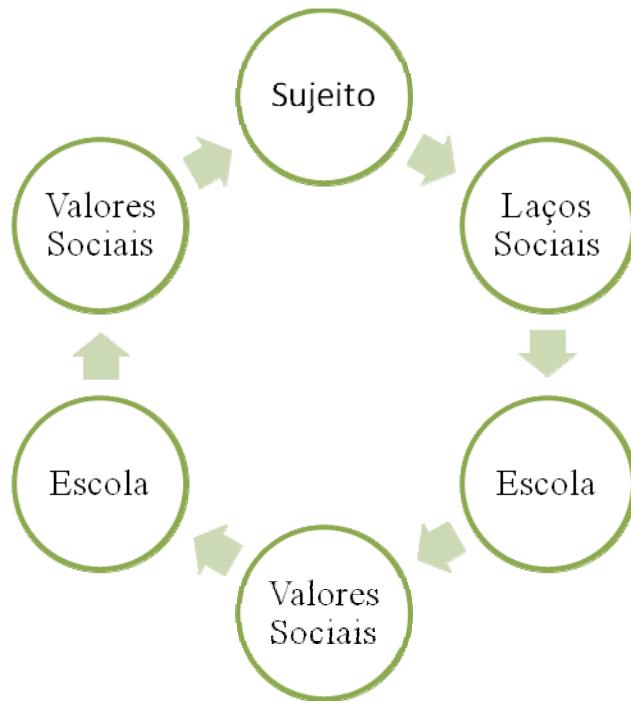
E essa educação deve romper barreiras. Já que costumam dizer que depois da família, a escola é o espaço onde as crianças entram em contato com a sociedade a que pertence, que se entenda a importância de aumentar as experiências dela no âmbito da diversidade.

Se a educação tem o poder de mudança, a socialização é o inicio e o processo dessa afirmação. Dar oportunidade para que se entenda que o Eu não se anula ao lado do Outro, mas que se diferenciam. Talvez assim os choques sociais por preconceitos diminuam e se dê uma chance à cooperação.

A ideia não é somar, pois assim se misturam os fatos e esse não é o ponto, mas respeitar. Entender é melhor do que julgar.

Assim, os laços sociais refletidos nesse trabalho se constituem como teias de interações entre todos os atores sociais envolvidos no processo educacional que influenciam as concepções, ideias e mesmo as práticas dentro dos muros das escolas. É um processo que recebe influências da cultura pessoal e local e que se intensificam na construção de mudanças e reconfiguração de estereótipos. Os laços sociais são respostas aos estímulos que a sociedade escolar pode ter na construção de valores e meios de uma inclusão da diferença entre os sujeitos.

Através deles, uma transformação pode ocorrer entre os próprios valores que significam a educação e reforçar o poder que ela possui.



Assim, um caminho possível para a construção de laços sociais que considere o outro em sua outridade se dá dentro dos muros da escola, onde um movimento ocorre desde o seu surgimento, acompanhando a sociedade e ora se confundindo com ela. Num movimento cíclico o sujeito é educado dentro das várias instâncias sociais de valor. Na família, na escola e no convívio social, e em todos, os laços que se formam criam o pertencimento e as características que o formam. Logo, pensar em uma educação inclusiva de e para todos só tem a beneficiar todos, pensando que esses sujeitos dentro das escolas voltam para a sociedade aberta e o que ficou dessas experiências se colocará em prática em ações e atitudes. E aí, vem a pergunta, que atitude se quer que esses sujeitos tenham? De inclusão social ou de exclusão?

CAPITULO 03: O AUTISMO, UMA EDUCAÇÃO QUE QUEBRA ROTINAS.

“É difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres” (FREUD, 1914, p. 286).

3.1. As várias concepções que geraram laços sociais com esses sujeitos.

As síndromes como o autismo são tão antigas quanto a própria humanidade. Por todos os tempos, os grupos humanos, em processo de enfrentamento da diferença, moldaram variados papéis sociais para o autista, influenciados, principalmente, pelo estilo de vida, pelo progresso da medicina e pelo desenvolvimento da filosofia humanística. A história do autismo se confunde e se cria com a formação das pessoas com necessidades especiais e a educação especial.

No início do século XIX, ainda inexistia uma definição clara de autismo. Até então, em linhas gerais, todas as deficiências eram tratadas da mesma maneira, talvez, pelo fato de os deficientes mentais não apresentarem marcas visíveis no corpo. Essa definição só começa a aparecer com os primeiros avanços da medicina e da pedagogia.

Na tentativa de se entender o autismo, através dos tempos surgiram diversas formas sociais de se dividir e tratar o deficiente mental. Essas percepções e práticas sociais, cujas origens remontam ao despertar da humanidade, coexistem na contemporaneidade. Portanto, na busca de se entender as visões atuais do autismo, torna-se fundamental compreender a gênese e evolução desse conceito. Essa análise histórica permite apreender a variedade de crenças e concepções ligadas ao tratamento das pessoas deficientes.

Durante muito tempo as visões denominadas de fatalistas predominaram nessas conceituações. Contendo um sentido de predestinação, tais visões incluem a concepção sobrenatural e a naturalista. Em virtude do seu caráter préformista, atribuem irreversibilidade ao fenômeno e instituem marcas no espírito ou no corpo, definidas antes do nascimento da pessoa. São acontecimentos casuais, indesejados, quase catastróficos. Uma questão de azar. E

que sempre despertaram o interesse para as suas elucidações, ou seja, a busca de uma causa ou efeito de situações vivenciadas e com o autismo não foi diferente, mais

Independentemente de chamarmos o autismo de esquizofrenia da infância inicial ou não, devemos esperar resistência à idéia de uma etiologia que aponta para os processos inatos do desenvolvimento emocional do indivíduo no meio ambiente dado. (...) haverá aqueles que preferem encontrar uma causa física, genética, bioquímica ou endócrina, tanto para o autismo quanto para a esquizofrenia. Esperamos (...) que aqueles que afirmam que o autismo tem uma causa física que ainda não foi descoberta permitam àqueles que afirmam ter pistas seguir estas pistas, mesmo que elas pareçam levar para longe do físico e para a idéia de uma perturbação na delicada interação dos fatores individuais e ambientais, conforme eles operam nos primeiríssimos estágios do crescimento e desenvolvimento humano (WINNICOTT, 1997 apud ARAUJO 2003, p. 194).

Segundo a concepção social, o deficiente é um status social adquirido e a deficiência, um papel social associado ao status. No decorrer da história, algumas diferenças entre os homens são selecionadas culturalmente, em razão da valorização de algumas atividades humanas. Então, elegem-se como deficientes aquelas pessoas que apresentam alguma característica biológica que possa se interpor como barreira ao desempenho de atividades socialmente valorizadas. Como Vygotsky afirma:

A própria ação do defeito resulta sempre secundária, não direta, refletida. (...) A criança não sente diretamente sua deficiência. Percebe as dificuldades que derivam da mesma. A consequência direta do defeito é o descenso da posição social da criança; o defeito se realiza como desvio social (VYGOTSKY, 1997 APUD BAPTISTA, 2009, P. 148).

Durante muito tempo, as crianças com necessidades especiais foram ignoradas e o autismo não é uma exceção. Classificados durante vários anos como pessoas esquizofrênicas, o que no dicionário da língua portuguesa seria o indivíduo que perde o contato com a realidade, ele possui dificuldades em conseguir compreender as leis e regras do jogo de relações sociais.

Somente em 1911 com Bleuler que essas pessoas foram descritas como pessoas que fogem da realidade, como Mariana Kupfer (2008) relata,

O Autismo é um termo muito recente, datado a priori por Bleuler em 1911, onde ao analisar crianças que eram consideradas esquizofrênicas, separou determinado grupo que possuíam características semelhantes e diferentes dos demais e acabou por definir essa síndrome como uma “fuga da realidade”.

Ela também diz que “os diagnósticos de psicose infantil e autismo têm uma história recente. Até o início deste século, o olhar médico ainda não os havia subtraído do grande grupo das crianças chamadas de deficientes mentais” (IBIDEM, 1999, p. 96).

Em 1943 Leo Kanner que nasceu na Áustria, mas ao se mudar se tornou um grande psiquiatra norte-americano e foi o primeiro a realizar estudos sobre o Autismo pela primeira vez. Nesse período, o pesquisador consegue isolar as características específicas encontradas no grupo de crianças que ele observava. E é devido a este estudo que ocorre uma ruptura entre as concepções mais fortes e movimentavam os processos de socialização, pois todas convergiam para a esquizofrenia, ou seja, a loucura é a razão que juntava qualquer forma “estranha” de convivência na sociedade. Ele dispõe em seus relatos que essas crianças sofrem de “afecções psiquiátricas da primeira infância” (FERRARI, 2008).

No seu artigo “Distúrbios autísticos de contato afetivo” publicado no mesmo ano, ele trabalha com 11 crianças e percebe a “incapacidade das crianças de estabelecer relações normais com as pessoas e de reagir normalmente às situações, desde o inicio da vida” (FERRARI, 2008, p. 9).

Pouco tempo depois Hans Asperger nascido em Viena e formou-se em Medicina, também começou a pesquisar crianças que tinham um desenvolvimento diferente, posteriormente deu nome a uma peculiaridade do autismo. Onde as características da síndrome não se alteram, mas diminuem de intensidade e posteriormente será relatada neste trabalho.

Passou-se a observar que essas pessoas sofriam de uma alteração “cerebral” / “comportamental” onde ele teria dificuldades em algumas áreas como, por exemplo, cita Ferrari (2008, p. 10-15) com algumas características:

- **Retraimento Autístico:** nessa área a pessoa pode ter dificuldades em observar o próximo, seja pessoa ou objeto, possuindo problemas com os toques e evitando o olhar direto.

- **Necessidade de Imutabilidade:** eles podem necessitar de uma rotina. Rotina que desenvolva o estável no seu ambiente de vivências.
- **Estereotipias:** podem possuir gestos corporais que se repetiam com frequência quando agitados.
- **Distúrbios da Linguagem:** podem falar de si na terceira pessoa, ter um vocabulário restrito e ter ecolalia, além de não conseguirem por vezes distinguir metáforas.
- **Inteligência:** podem possuir dificuldades e atrasos mentais (porém não era considerada via de regra).
- **Desenvolvimento Físico:** se apresenta normalmente, porém pode ocorrer de 15% a 20% casos de epilepsia.

Existe ainda uma gama de comportamentos e características que compõem o sujeito com autismo, aqui o que se tem é apenas uma elucidação de algumas delas.

3.2. Algumas definições que geraram nós.

Hoje o autismo se desenvolveu no campo “neurobiológico e cognitivo, tanto quanto no psicanalítico” e passou a ser entendido como um conjunto de sintomas que caracterizam determinado grupo de pessoas, porém não existe uma via de regra para classificá-lo, uma vez que cada sujeito é único e consequentemente terá dentro deste grupo variações, por isso, ele é considerado uma Síndrome. E essa diversidade está inclusa no sistema de Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD).

Não são poucas as tentativas para entender o que ocorre com essas pessoas, e um outro exemplo de tentativa é a Associação Psiquiátrica Americana, no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM – IV, 2002, p. 98), essas características comuns se unem como um “comprometimento grave e global em diversas áreas do desenvolvimento: habilidades de interação social recíproca, habilidades de comunicação ou presença de estereotipias de comportamento, interesses e atividades”.

Outra definição vem com Seguindo a orientação (Definição da Autism Society of American – ASA, 1978) “O autismo é um transtorno definido por alterações presentes antes dos três anos de idade e que se caracteriza por alterações qualitativas na comunicação, na

interação social e no uso da imaginação”.

Para nortear um pouco mais, segue uma descrição da Associação de Amigos do Autista (AMA), sobre o autismo:

Muitas vezes a criança que tem autismo aparenta ser muito afetiva, por aproximar-se das pessoas abraçando-as e mexendo, por exemplo, em seu cabelo ou mesmo beijando-as quando na verdade ela adota indiscriminadamente esta postura, sem diferenciar pessoas, lugares ou momentos. Esta aproximação usualmente segue um padrão repetitivo e não contém nenhum tipo de troca ou compartilhamento (site).

Considerado por muitos como alheios à realidade, (LORNA WING, 1991) o Autismo ganhou fama por pessoas que acreditavam que as pessoas com a síndrome eram “marginalizadas” a educação, mas estudos mais recentes e a própria pesquisa em questão comprovam que isso não é verdade, eles reconhecem sim o mundo ao seu redor, bem como a sua família.

Todas essas visões influenciaram e influenciam a sociedade e o modo como as demais pessoas da sociedade vêem os autistas, uma vez que não são poucos os exemplos de grupos que se valem de condições médicas para criar estereótipos, porém deve-se ter em mente que classificação dessa forma deve ter destaque para se unir os grupos a um consenso médico e não como uma forma de exclusão social. E embora a tentativa seja a de unificar, desde os esquizofrênicos as escolas e sociedade criaram dificuldades em se relacionar com o autismo.

O autismo é mais encontrado em pessoas do sexo masculino, e assim como qualquer indivíduo existe uma gama de variedades das suas características, ou seja, cada pessoa é única e mesmo participando do grupo autismo, vai possuir características diferentes. Podem-se encontrar crianças autistas com falas intactas e outras que mal balbuciam. Alguns parecem fechados e distantes e outros parecem presos a comportamentos restritos, como estereótipias e rígidos padrões de comportamento.

No Brasil essa realidade gira em torno dos 100.000:

Estima-se que existam no Brasil pelo menos 100.000 pessoas com autismo. Considerando que cada indivíduo pertence a uma família de quatro membros, o problema atingiria cerca de 400.000 pessoas em nosso país" (Fonte: Instituto Indianópolis)

E hoje ainda podemos distinguir variantes dessa síndrome, uma vez que cada pessoa é

única, sua personalidade também é, e assim nem sempre existe a possibilidade de se ter uma pessoa com autismo igual a outra. Como por exemplo:

- O **Autismo Infantil** é um dentre tantas variedades de Autismo existentes, sua particularidade é que se apresenta como uma síndrome que pode ser observada entre os primeiros meses da criança aos três anos de idade.
- **Autismo Atípico:** tem inicio tardio, após 3 (três) anos de idade até os 12 (doze). É severo, principalmente no desenvolvimento cerebral.
- **A síndrome de Asperger:** se diferencia das demais, pois aqui a criança não possui atraso nenhum na sua cognição. Atualmente querem retirar essa denominação em virtude da facilidade de trocas de diagnóstico, uma vez que sua diferenciação das demais pode não ser fácil de ser observada. Mas quem a possui pode conseguir ter uma vida estável no futuro.
- **Síndrome de Rett:** pesquisas demonstraram que essa síndrome é causada pela má formação do gene mecp2. Acarreta quase que exclusivamente crianças do sexo feminino, uma vez que os meninos normalmente não resistem e morrem precocemente.

Não se conhece ainda hoje uma causa que explique essa síndrome, mas com certeza já se deixou de lado o fato de que possivelmente ela ocorreria pela falta de amor da mãe e /ou da família. Estudos mais avançados apontam para uma alteração devido ao excesso de exposição a metais pesados como mercúrio, chumbo, entre outros, e até mesmo o contado com vírus, como a rubéola durante a gravidez.

Em virtude disso observa-se uma gama de opções na educação dessas crianças, e novamente entende-se que elas receberão a educação conforme os pais e/ou sociedade a que pertencem acreditam. Elas participarão dos conceitos e ideias que os pais possuem.

3.3. Falando em educação.

Nesse momento este trabalho não busca resumir e nem se aprofundar nos aspectos de cada meio de trabalho com crianças com autismo, mas apenas destacá-las, uma vez que para realizar esse tipo de trabalho, uma busca mais aprofundada se faria necessária.

Quando se fala em educação de crianças com autismo, tem-se que entender que o fato de até hoje não ter ocorrido uma pesquisa que demonstre, com clareza, o motivo que faz com que determinadas pessoas nasçam com essa síndrome. Assim, “dispomos de diferentes abordagens teóricas que as conceituam e indicam determinadas intervenções pedagógicas” (SOUZA, 2005, p. 47), como por exemplo:

- **Método TEACCH:** eles usam imagens, estão focados no uso de cartazes, fotos, desenhos, e qualquer outra forma de imagens, pois assim, a assimilação por parte da Criança será melhor. Foi criado pelo professor Eric Schopler, que visa à adaptação do ambiente e adequação do mesmo para melhor atender a criança, ele presa também pelo uso contínuo da interação. Muitos criticam essa abordagem por considerarem ser apenas uma análise cognitivista e que busca a enquadração do sujeito.
- **Método SUN RISE:** neste programa a interação é o foco. Criado em 1970 por pais de uma criança autista, eles passaram a estimular a criança a todo momento e com o intuito de trazer concepções da rotina da criança. Tudo parte das experiências da criança.
- **ABA - Análise Comportamental Aplicada ao Autismo: (terapia)** para eles o autismo tem ganhado foco desde a década de 60. Eles trabalham com a diminuição de problemas e consequente habilidade de melhorar os comportamentos. O aluno ganha um perfil e a partir deste sistema ele ganha um conjunto de intervenções que o auxiliam nas tarefas do dia-a-dia.

Análise do comportamento é uma abordagem científica natural para o entendimento do comportamento; análise aplicada do comportamento é o uso de métodos analítico-comportamentais e resultados de pesquisa para modificar comportamentos socialmente relevantes de maneira significativa (<http://www.universoautista.com.br/autismo/modules/works/item.php?id=5>- Visitado em 15/05/2011.

Para além do comportamento outra área que vem ganhando espaço na educação dessas crianças, a Psicanálise, que chega a ser uma oposição ao método anterior. Sua maior crítica está no fato de que para eles ao se padronizar uma ação você retira da criança a oportunidade de singularidade, impedindo com isso que a criança cresce até mais desenvolvida, porém sem personalidade.

Para eles, a criança não foi inscrita na lei, ou seja, uma criança com autismo teve algum problema no seu desenvolvimento psíquico inicial, seja por uma formação família que passa por um problema, alguns problemas de reconhecimento dos pais também podem interferir, o fato é que independente das causas, a consequência é uma: o autismo, uma falha na psique. E uma melhor intervenção se dá trabalhando os "porquês" da criança, para se obter bons resultados.

Aqui não se busca a enquadração e nem a repetição de um comportamento aprendido, mas o “*sinthoma*”⁵ será trabalhado, o que faz a criança ter determinado tipos de comportamentos, que vão além da intensidade, vão à origem. Nessa concepção o aluno é considerado como sujeito, como integrante de sua educação, e é assim que a educação deve vê-los, como alguém que necessita sim de intervenção, mas não deve ser encarado como um incapaz.

⁵“O conceito de *sinthoma* foi desenvolvido por Lacan em seu Seminário XXIII. Na primeira aula ele explica que o termo **sinthome** (*sinthoma*) era a forma antiga de escrever **sympôtome** (sintoma) em francês. Ele recupera a grafia e dá a ela uma outra posição conceitual. A partir das obras de James Joyce, Lacan (1975-76) irá dizer que o *sinthoma* é o que arma o laço entre o Simbólico, o Imaginário e o Real constituindo-se num quarto nó, o nó borromeo. Nesse Seminário vai afirmar que o *sinthoma*, o quarto nó, é enigmático, ou seja, é único e só pode ser armado na singularidade de cada sujeito, pois pode fazer versão ao Nome-do-Pai. A noção de sintoma é totalmente reformulada por Lacan, como já vimos, e transforma em *sinthoma* (santo homem/*Sant' homme*, numa clara alusão a São Tomás de Aquino) a reconstrução das fugas de sentido das palavras, como Joyce, em Finnegans Wake. O *Sinthoma* é tão enigmático quanto o nome próprio.” (RODRIGUES, 2003, p. 70-71).

Pela psicanálise também podemos entender alguns estereótipos que esses alunos carregam. Para a sociedade os “loucos” eram e são perigosos e para a preservação das pessoas deviam ser afastados. A educação vestida de escola pode ajudar a quebrar esses preconceitos e criar um ambiente de interação mútua, onde todos aprendam com a inclusão. Assim, percebe-se que a psicanálise não é mais

em seu sentido clássico, pois não busca tocar o real pelo simbólico e sim instituir o simbólico em torno do real; não é apenas educação em seu sentido clássico, pois não visa moldar a criança ao ideal de eu do educador [...] Também não é educação “stricto sensu”, porque seu tempo já passou e qualquer esforço de retomá-la produzirá algo novo, e será sempre uma reeducação (KUPFER, 2001, p.83, 115).

Como se pode observar, a educação dessas crianças acompanha o papel que cada família possui dentro de suas ideias e dentro das concepções em que vive, e não por menos, para cada ação, uma reação ocorrerá e imagens vão provir de cada meio de educação aplicada.

E para além desses tantos meios de educação, o que se busca é a compreensão desse mundo tão singular que é o autismo. E os atores que estão intimamente ligados a essas crianças devem possuir a sensibilidade e a percepção para acreditar nessas crianças e no fato de antes de elas compreenderem os abc's da educação elas entraram em contato com demais alunos que contribuíram para sua formação pessoal e vice-versa.

Cada criança entrará no meio de convívio da sociedade a qual pertence e isso, independe de ser autista ou não. A cada nova concepção se pode observar uma nova relação, e qual a relação que se pode querer com essas crianças?

Se a educação sozinha não pode mudar o mundo, deve-se lembrar que a maioria dessas pessoas passaram pelas salas de aula de uma escola, e como negar que os vínculos mudaram e podem mudar ainda mais os preconceitos, seja aumentando ou diminuindo os processos de aceitação e respeito.

Ninguém está isento desses conflitos, e assim como Copérnico, as mudanças devem ocorrer para uma melhor compreensão de mundo e de sujeitos que compõem esse mundo, e se a escola pode aumentar a valorização e criar uma relação de sucesso entre seus integrantes, a educação inclusiva é o seu inicio.

A escola com os olhos do reconhecimento do outro e da diferença deve proporcionar

laços adequados para todos os alunos que crescendo em meio à diversidade de sujeitos estará mais preparado para enfrentar os conflitos dos tantos Eu's existentes.

III- METODOLOGIA DE PESQUISA

“A pesquisa apresenta diferentes fases. A fase inicial, que pode ser chamada de exploratória, lembra uma “paquera” de dois adolescentes. É o momento em que se tenta descobrir algo sobre o objeto de desejo” (GOLDENBERG, 1999, p. 72 APUD GONSALVES, 2007, p. 21).

O estudo de caso sempre foi relacionado com estudos de cunho social, sendo encontrado em áreas como a antropologia e a sociologia. Surge com propósitos diferentes, dependendo dos objetivos que motivam o pesquisador. Esse método pede um pouco mais de atenção do seu pesquisador, para que ele tenha em mente que ao se falar em estudo de caso não se trabalhe com um único modelo, como no caso da medicina que pode usar esse método com a finalidade de buscar uma intervenção mais concreta para um caso de doença sem de fato buscar uma relação com o contexto que esses dados foram encontrados.

Em seu livro “Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional” (2005) Marli André citando Merrian (1988, p. 14-15) diz que “o conhecimento gerado a partir de um estudo de caso é diferente do conhecimento derivado de outras pesquisas [...] porque” (2005, p. 16-17) ele é mais concreto, mais contextualizado, adere à interpretação do leitor aceitando a generalização como forma de estender o conhecimento do pesquisador a quem lê.

É um método que presa pela descrição densa do objeto de pesquisa e aceita interações de análise como “palavras, imagens, citações literais e figuras literárias” (APUD, 2005, p. 18). E ele sempre segue uma lógica, uma hipótese que vincula e permite que um estudo assim tenha características de uma pesquisa qualitativa.

Existem três tipos de estudo de caso segundo Stake (1995):

1. O intrínseco: que é o interesse por uma pesquisa mais particular, mas restrita. Que contenha um conteúdo mais específico.
2. O estudo de caso instrumental: que é o uso do caso para elucidar questão até então desconhecidas.
3. O estudo de caso coletivo: quando o objeto de estudo não é um só, mas vários, interligados, como a situação das escolas em determinado lugar.

Quando o estudo de caso é ligado a educação os pesquisadores “estão preocupados não com teoria social nem com julgamentos avaliativos, mas com a compreensão da ação

educativa" (ANDRÉ, 2005, p. 21).

O livro também traz que um estudo de caso pode ser dividido em quatro grandes espaços, como o etnográfico, avaliativo, educacional e ação. E no geral eles possuem um caráter mais restrito a pesquisa, trazendo questões referentes ao objeto de estudo, singularizando as análises e proporcionando resultados que apontam diferenças sociais.

Segundo Bassey (2003, p. 48), um estudo de caso educacional tem que respeitar o tempo e o espaço a que se estuda, deve compreender o contexto da instituição, programas vinculados e as atividades que se realizam dentro dela. Deve ser uma pesquisa empírica que busque teóricos que sigam as perspectivas desejadas e observadas e se realize em um espaço natural sempre com respeito aos participantes.

Em resumo essa pesquisa deve ser usada quando:

1. Há interesse em conhecer uma instância em particular
2. Pretende-se compreender profundamente essa instância particular em sua complexidade e totalidade.
3. Busca-se retratar o dinamismo de uma situação numa forma muito próxima do seu acontecer natural (ANDRÉ, 2005, p. 31).

Através de uma luz, uma questão vem à tona e tornam possível outras pesquisas sobre o assunto vivido dentro de uma realidade definida. Podendo ajudar os leitores a compreender as relações que se instauram em determinada situação, contribuindo para a busca de possíveis soluções e/ou reconhecimento.

O pesquisador desse método deve estar aberto às conversas e aceitações do ambiente a ser pesquisado. Não existem regras para uma boa atuação, mas critérios que podem ser alterados conforme a necessidade da pesquisa. Ele deve ter a sensibilidade para compreender o contexto no inicio da pesquisa e na coleta de dados no final da mesma, observando gestos e respostas que não se encontram necessariamente das palavras.

DEFININDO MAIS UM NÓ: O ESTUDO DE CASO

O processo de pesquisa deste trabalho acontece dentro dos parâmetros de um estudo de caso e ocorre em uma escola particular do Distrito Federal, na Asa Sul de Brasília. É uma

escola de classe média que possui turmas de maternal I ao 9º ano do ensino fundamental. Segue a estrutura tradicional de ensino e se tornou inclusiva com 3 (três) crianças com necessidades educacionais especiais, 2 (duas) com Síndrome de Down e 1 (uma) com Autismo. Possui alunos que em sua maioria residem nas proximidades. É dirigida por uma freira e possui no seu quadro de professores mais quatro religiosas que pertencem a uma Congregação presente em todo o país.

A escola dispõe de boas estruturas físicas como quadras de esporte, piscinas, ginásio e ainda uma chácara que serve para momentos de socialização entre os alunos e os demais atores da escola. Ela também possui vários projetos extraclasse, que buscam a integração.

Este trabalho se desenvolve junto à criança com Autismo. Ela foi acompanhada durante 2 (dois) anos nesta instituição. Chegando ao ano de 2009, sendo matriculada no Jardim II e necessitando de uma mediadora além da professora.

Ele pertence a uma família originária do Rio de Janeiro, que veio para Brasília em busca de um atendimento melhor. O pai é militar e pertence às forças armadas da Marinha a mãe é artista plástica, ele também possui uma irmã e que é 5 anos mais velha que o aluno em questão. Através desse tempo se pode observar e colher informações com a família a quem aqui, por motivos vinculados a ética do trabalho serão preservados.

A mãe relatou que Gabriel (nome fictício) foi diagnosticado aos três (3) anos de idade, depois de uma gravidez tranqüila e vários exames que não chegaram a conclusões exatas na área da surdez e atrasos no desenvolvimento. Para a família foi bem difícil aceitar a síndrome do filho, a mãe abandonou o trabalho e desde então se dedica a ele. O pai aceita o laudo do filho, mas não aceita as suas características. Recentemente apresentou uma depressão, que vinculou a problemas no trabalho.

É uma família muito sensível, a irmã não demonstra desconforto com o fato de ter um irmão com autismo e o auxilia muito no seu desenvolvimento, eles são unidos. Hoje possui sete (7) anos e é bem desenvolvido e bastante socializado, tendo iniciativas de contato físico e conversas.

Possui uma sensibilidade a sons fortes e se desestabiliza com facilidade, chegando a ser agressivo consigo mesmo, nunca com os demais colegas, com quem está a dois anos, uma vez que ele ficou retido na turma do Jardim II. Nesse tempo a sua ecolalia diminuiu e suas estereotipias também. Atualmente realiza exames para saber sua idade mental.

Gabriel se adaptou bem ao ambiente escolar e as atividades que ali ocorrem, possui

uma adaptação curricular e semanal diferente e todas as atividades que ele realiza são dentro de suas possibilidades. Como este ano está sendo alfabetizado, ele participa de atividades e jogos na sala de recurso no momento da aula, isso ocorre por um pedido da família e da coordenação que busca uma maior interação entre a professora e Gabriel, para melhor compreender os conteúdos trabalhados.

Este trabalho vem com o intuito de observar as relações que se estendem no seu convívio social dentro da escola. E a mudança que a educação inclusiva realizou nas amarrações de laços sociais, proporcionando não só uma educação de respeito para ele, mas para todas as crianças da turma e demais funcionários da escola, que passaram a ter um comportamento diferente com relação aos seus conceitos sobre autismo e inclusão.

Metodologia

A partir dessa observação, foi aplicado um questionário com cinco (5) perguntas objetivas, acompanhadas de cinco (5) complementos de frases para vinte e cinco (25) funcionários do colégio, entre eles, professores, serviços gerais e coordenação foram utilizados. Eles responderam e entregaram no mesmo dia. A entrevista foi acompanhada por um termo de consentimento esclarecido, onde os participantes estarão assinando e confirmado que estão cientes da pesquisa e que seus dados serão analisados, mas sua identidade preservada. Os alunos da turma da criança também participam, com desenhos, no total serão dois por alunos. Um onde se pede que eles realizem um desenho onde estejam brincando com um colega e outro onde eles desenhem um momento especial dentro da escola com um colega, esse momento pode ser aulas extras, atividades como Jogos Internos, etc.

O propósito foi analisar em que momento o Gabriel aparece nos desenhos e como os outros participantes entendem os laços sociais que se formam nas escolas como forma de inclusão e de interação social, dentro de uma perspectiva de mudança e aumento do respeito. Também buscasse perceber o que as crianças vão trazer nos desenhos de características físicas e sociais.

Também se buscou entender como o espaço escolar está influenciando na construção social desse aluno e nos vários atores que o acompanham nesse espaço. Através

das respostas será possível observar em que momentos o sujeito com autismo estará se assemelhando aos outros e se distanciando. Entender como se pôde melhorar e aperfeiçoar os nós desses laços pode ajudar a trazer esse aluno para um contexto mais preparado para recebê-lo.

Compreender a forma como os laços sociais estão se dando na escola com esse sujeito e como ele se apresentará nas respostas e posturas é um retorno que complementará a observação já existente.

IV- ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados se dará partindo de duas proposições metodológicas: a primeira com os desenhos das crianças e a outra com os dados coletados nas entrevistas.

PRIMEIRA PARTE

A escolha do desenho se deu por se acreditar que no desenho as crianças estabelecem contato com o seu imaginário, com a sua “fantasia” sobre aquilo que sabem, o que percebem e o que vem. É uma das formas de avaliação do desenvolvimento infantil e deve ser explorada bem como incentivada pelo professor. Sempre existem traços de sua identidade, bem como de suas preferências (RECNEI, 1998).

É importante ressaltar que o desenho pode ser compreendido como meio de linguagem verbal e é percebido como os espaços e entendimento da criança sobre o meio que a cerca, citando Laís Pereira que comenta Piaget em seu texto e diz que é “na continuidade do processo de desenvolvimento, o movimento de acomodação vai prevalecendo, ou seja, vai havendo cada vez mais aproximação ao real e preocupação com a semelhança ao objeto representado, direção que pode ser vista também no jogo de regras” (1971; 1973).

Por isso, este trabalho procurou dar ênfase no desenho das crianças, não sendo o seu foco a análise e construção do desenho em si, mas observando como as interpretações a cerca dos laços sociais que se formam estão aparecendo nos seus relatos.

A turma escolhida foi a do Gabriel que possui contando com ele 20 alunos, pois eles estão juntos há um ano e meio, o que aponta um bom período para a formação de laços sociais. A professora cedeu o tempo que era necessário para que cada criança pudesse desenhar à vontade e sem pressa. Ela demonstrou segurança e ficou bem à vontade com a situação.

No dia da aplicação uma das meninas não estava presente o que deixou a aplicação com menos dois desenhos. Foi feito uma breve apresentação da atividade pedindo que eles a realizassem com capricho. Quem fez essa fala foi a professora para evitar que eles ligassem a imagem do Gabriel a mim. Ela explicou que era um desenho deles e que por isso, eles podiam ficar tranquilos e a vontade para realizá-los. Eles começaram com o desenho que pedia para eles escolherem um momento de brincadeira com os colegas e o segundo pedia que eles

escolhessem um momento qualquer dentro da escola que fosse significativo para eles.

Eles fizeram com empolgação e demonstraram prazer em realizar a atividade. Como pedido eles não conversaram sobre quem ou o que iriam desenhar. Levaram em torno de uma hora e meia para terminarem tudo. Ao final, foi percebido que mesmo tendo ocorrido a orientação de não escreverem no papel, muitos tinham colocado o nome de seus colegas, assim os que não o tinham feito falaram e uma anotação foi feita na página inferior, relatando inclusive o que eles tinham relatado.

No primeiro desenho que pedia que eles se desenhassem brincando com um colega, ao total de 18 desenhos, todos retrataram espaços do colégio, mas nenhum fez referência a sala de aula. Todos usaram ambientes externos conhecidos como “áreas verdes”, ora em momentos do recreio, ora na “hora do brinquedo”, que ocorre toda Sexta-feira, para demonstrarem suas brincadeiras. Apenas 2 (dois) citaram o Gabriel, em um desenho ele apareceu na Educação Física em uma atividade com bambolês e em outro na hora do recreio.

As crianças que o citaram, uma já era esperada, pois sempre o acompanha, demonstra muito afeto por ele e sempre que é necessário está ao seu lado, o outro, porém, surpreendeu, pois demonstra afeto, mas tinha outras pessoas do grupo que poderia ser citado por ele, uma vez que brincam mais, e este o desenha com uma característica física marcante, pois Gabriel é o maior da turma.

DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS



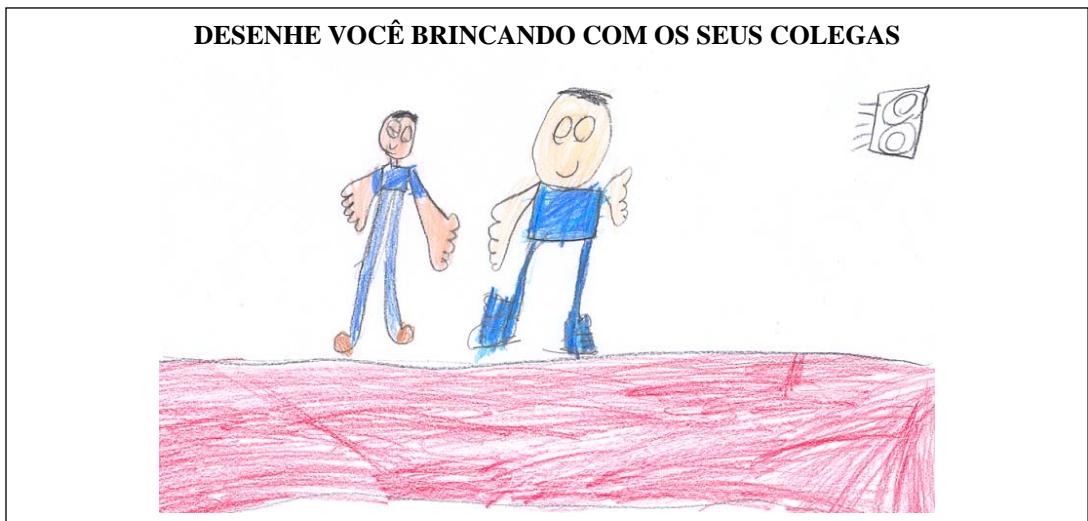


Figura 2. Na hora do recreio. Gabriel apareceu brincando de pega-pega com o aluno que o surpreendeu por escolhê-lo.

Também surpreendeu o fato de uma criança ter se colocado em um ambiente sozinho e à margem de brincadeiras, que foi a biblioteca.

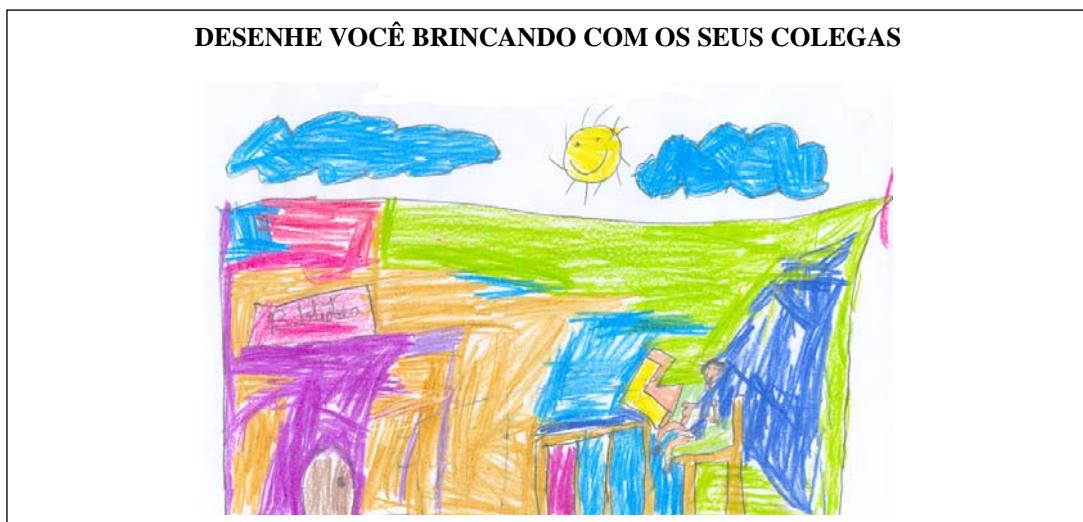


Figura 3. Desenho que mostra a criança sozinha na biblioteca.

Outra marca foi o fato deles se desenharam entre si, ou seja, na observação dos desenhos, a maioria se desenhou com os colegas que de fato brincam bastante e é corriqueiro o aparecimento dos mesmos, por exemplo, Maria desenhou ela, Marta e Carla; Carla desenhou Maria, Marta e Laura (todos nomes fictícios).



Figura 4. Desenhos que retratam as mesmas crianças.

Foi forte o aparecimento de dois ambientes o **recreio** e a “**hora do brinquedo**”, que acontece toda sexta-feira no último horário. Todas as brincadeiras no recreio foram pega-pega, esconde-esconde e futebol. Na “hora do brinquedo” as brincadeiras giraram em torno das bonecas, de correr, de comidinha, de aviãozinho e de dança.

Nas tabelas abaixo, está a lista dos locais escolhidos e as brincadeiras e as que se encontram em negrito, são as que Gabriel apareceu.

ALUNOS	LOCAL
1	Aula de educação física
1/10	Hora do recreio
6	Hora do Brinquedo
1	Biblioteca

Tabela 1. Local escolhido para representar os desenhos.

Alunos	Brincadeira
1- 3	Pega-pega
1	Esconde-esconde
5	Futebol
1	Espirolboll
1	Pular
1	Dança
1	Aviãozinho
1	Comidinha
2	Boneca
1	Bambolê
1	Biblioteca

Tabela 2. Tabela que demonstra as brincadeiras escolhidas pelos alunos.

No segundo desenho que pedia um momento especial, o padrão do primeiro continua, eles se desenham entre si e com exceção de dois desenhos, eles se desenham fora de sala. Esses dois estão um em sala tendo aula de ensino religioso e outro na hora do brinquedo. Neste ultimo Gabriel aparece.



Figura 5. Desenho que representa a “hora do brinquedo” em sala de aula e Gabriel aparece brincando com seu brinquedo preferido o Barney.



Figura 6. Desenho que demonstra a aula de Ens. Religioso.

Três crianças retratam a hora do conto na biblioteca, esse espaço eles vão uma vez por semana e a bibliotecária conta histórias vinculadas aos projetos e temas em andamento na sala de aula. Em um desses desenhos Gabriel aparece, ele é o único menino presente e o mais alto. Os demais desenharam a hora do brinquedo na sexta em diversas brincadeiras. Ele aparece em desenhos de crianças que não o desenharam nos primeiros e as brincadeiras são as mesmas já

citadas.

DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA ESCOLA COM SEUS COLEGAS.



Figura 7. Desenho que mostra a “hora do conto” na biblioteca e Gabriel está presente. É o único menino.

A criança que no primeiro se desenhou sozinha e na biblioteca neste apareceu brincando com os colegas mais próximos.

DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA ESCOLA COM SEUS COLEGAS.



Figura 8. Desenho que mostra a criança que antes tinha se desenhado sozinha na biblioteca.

Segundo Quintaneiro (2003) as várias representações que se organizam dentro dos sujeitos, são formas de conhecimento que acumulam um saber social, elas demonstram o

olhar que dá significação a quem contém. O momento representado por cada criança e as brincadeiras citadas traz uma reflexão a cerca das preferências e significados que cada uma empresta as suas ações, naquilo que lhe é de valor.

Ainda segundo a mesma autora, os laços sociais são capazes de promover espaços de interação entre os iguais a mesma cultura. Weber através das palavras da autora em questão, já enunciava os laços que se constroem dentro da sociedade, sobre aquilo que fica dentro do sujeito e interfere diretamente nas suas relações com outro.

Assim, com os desenhos as crianças trouxeram momentos e brincadeiras importantes, reafirmaram o que estava sendo observado durante os anos que elas foram acompanhadas. Os laços que se criaram no decorrer dos anos juntos fizeram com que aos poucos elas apresentassem um companheirismo por todos, mas se aproximassesem mais de uns do que de outros. Esses grupos se acompanham nos jogos e brincadeiras em diversos momentos na escola, reforçando que eles se aproximaram por gostos e preferências semelhantes.

O fato do Gabriel ter aparecido em poucos desenhos, menos de 10%, trás a frente um grande problema enfrentado por ele esse ano. Ele é muito querido por todos e convive bem com a turma, mas esse ano ele se encontra na alfabetização e a pedidos, ele está indo para a sala de recursos na hora normal de aula, prejudicando o seu convívio com os colegas, o que é bem demonstrado nos desenhos.

Entende-se que a construção do sujeito não se dá sozinha, ela é interferida diretamente pelos seus laços sociais e constituem suas escolhas e o próprio Eu, (LARAIA,1997). As crianças ao desenharem expressaram situações que possuem importância para elas e assim, demonstraram que ainda existe alguns nós que devem ser apertados e reforçam que a educação inclusiva ainda tem um bom caminho para percorrer.

O reconhecimento do outro pode “contribuir para o processo de reconhecimento e para a promoção do diálogo entre os diferentes saberes, conhecimentos e práticas dos diferentes grupos culturais” (SANTOS; PEREIRA, 2009, p. 24).

SEGUNDA PARTE

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS:

A busca pela entrevista de campo foi para compreender os laços sociais que se construíram com a criança com autismo. A forma como esse outro a vê e interage com ela, podendo ser extraído soluções para determinadas situações. Visando partir das relações com o outro para identificar processos de construção social (ANDRÉ, 2008; GONSALVES, 2007)

Nessa parte da pesquisa alguns imprevistos apareceram. O questionário foi entregue para vários atores do colégio e que tiveram contato com o Gabriel nesse período em que ele se encontra no colégio. Por se tratar de uma empresa privada, várias pessoas demonstraram receio em responder.

O uso da técnica de complementação de frases buscou perceber o que o entrevistado “carrega” consigo no que diz respeito ao sujeito com autismo. Buscando nas suas expressões vivências e comportamentos que apontem para um laços social.

De vinte e cinco (25) questionários entregues apenas doze (12) deram retorno. Entre eles não constam os entregues a coordenação e nem a alguns professores que tiveram um grande contato com o Gabriel e que, infelizmente, não vão participar desta pesquisa.

Nesta pesquisa dez (10) são do sexo feminino e dois (2) são masculinos. Com idades entre vinte (20) e trinta e quatro (34) anos. Oito (8) são formados em pedagogia e desses, cinco (5) são pós-graduados. Três (3) possuem apenas o ensino médio e uma esta se formando em pedagogia. O tempo de serviço na instituição fica em torno de 2 (dois) e 12 (doze) anos.

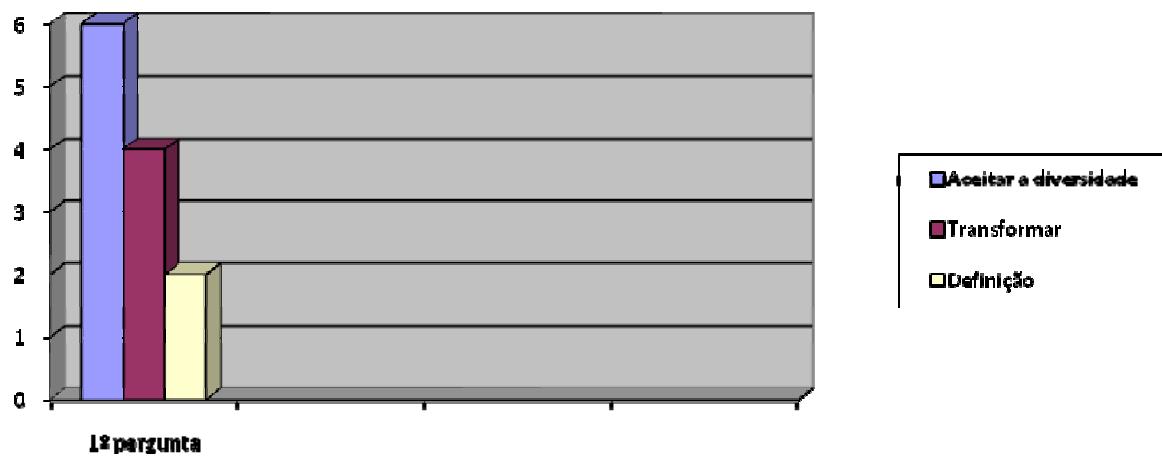
Aqui se buscou uma análise em categorias. Mas antes de mais nada, uma análise em três (3) grandes categorias se tornou importante. A primeira compreendida na dimensão Eu, coloca o entrevistado como o centro de interesse, aquele que promove ou recebe alguma situação aquém da criança com autismo, na segunda dimensão se encontra o Outro, onde os entrevistados se colocam em uma posição neutra, citando exemplos e concepções que digam respeito a criança com autismo sem se vincularem. O ultimo bloco coloca em foco aqueles que se dispõem em processos de construção com o sujeito com autismo.

As perguntas foram:

1. Em uma perspectiva de educação inclusiva, o que você entende por incluir?

Na primeira pergunta observou-se que seis pessoas se incluíram no processo de formação da inclusão e os outros seis se colocaram em uma posição neutra, passando as mudanças e concepções para a criança, onde ela recebe e muda sozinha. A inclusão para eles ficou em dois pontos, por um lado seis participam e por outro seis assistem.

Também se observou que alguns buscaram definições de livros e meios de comunicação para responder. Outros disseram que incluir é transformar as relações e o espaço escolar.



O “EU” NO CENTRO	O “OUTRO” (SUJEITO COM AUTISMO) NO CENTRO	O “NÓS” NO CENTRO
0	6	6

Exemplos:

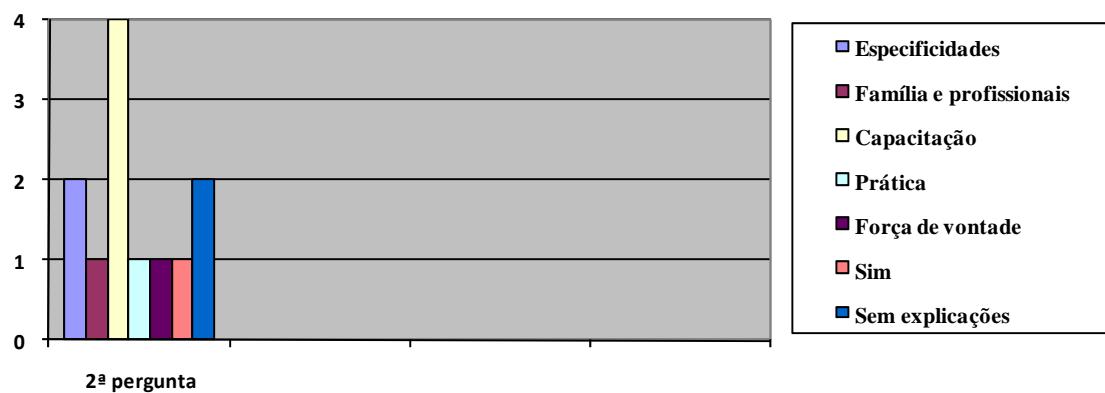
- Aceitar a diversidade: “Aceitar é viver a diversidade humanizando as relações”.
- Transformar: “Incluir significa compreender e isso é uma forma de aceitação”.
- Definição: “Inclusão é quando um sujeito que possui alguma deficiência passa a ter as

mesmas responsabilidades (direitos e deveres) dentro da sociedade”.

2. Uma perspectiva inclusiva é suficiente para a inclusão de crianças com autismo?

Na segunda pergunta sobre as perspectivas de uma educação especial e se elas são suficientes para uma boa inclusão de sujeitos com autismo, a compreensão recebida desta pergunta demonstrou que onze compreendem que uma perspectiva não é suficiente para uma boa inclusão. Quatro pessoas colocaram o sujeito com autismo no centro, ou seja, os projetos e ações se veiculam de forma unilateral, para a criança com autismo, sem citar a interação que deve ocorrer nesse espaço. Sete se incluem no processo com capacitações como perspectivas e apenas 1 disse que é possível sim. Também é importante ressaltar que dois entrevistados responderam não, mas explicaram o porquê.

Uma em especial, consegue destacar os laços sociais como forma de inclusão ao responder: “Não, compreender o autismo exige uma constante aprendizagem, uma (re) visão contínua sobre nossas crenças, valores e sobretudo, sobre nós mesmos.”



O “EU” NO CENTRO	O “OUTRO” (SUJEITO COM AUTISMO) NO CENTRO	O “NÓS” NO CENTRO
0	4	7

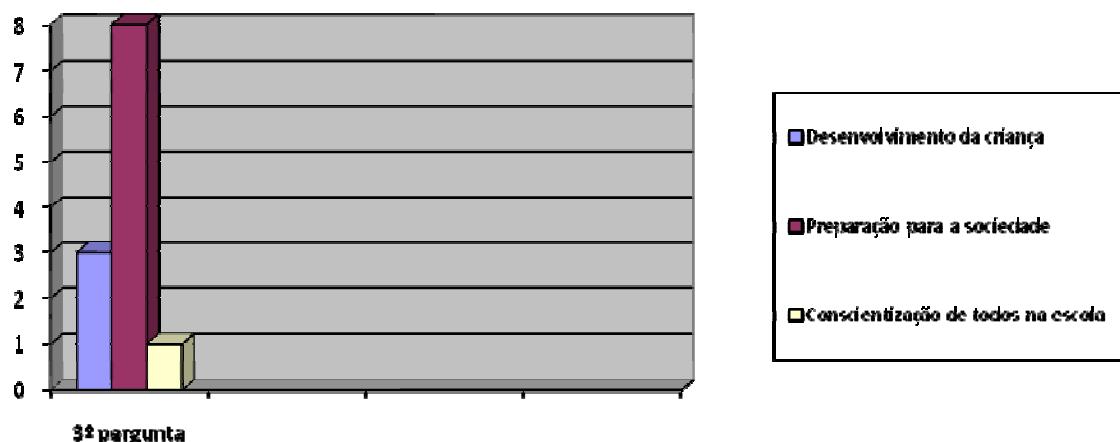
Exemplos:

- Especificidades: “Não, há de se fazer modificações que atendam as necessidades específicas da criança com autismo”.
- Família e profissionais: “Não, é necessário o auxílio e apoio da família e de profissionais para que a criança se sinta acolhida”.
- Capacitação: “Não, compreender o autismo exige uma constante aprendizagem, uma (re) visão contínua sobre nossas crenças, valores e sobretudo, sobre nós mesmos.

3. Qual o papel da escola na construção de um laço social entre o sujeito com autismo e a sociedade?

Na terceira pergunta sobre o papel da escola na construção dos laços sociais e suas amarranções, ainda observa-se que todos quando não se colocam no meio do processo deixam essa função para a criança com autismo, nenhum se colocou sozinho nas mudanças e transformações.

Também se observa que oito acreditam que a escola pode preparar não só a criança com autismo, mas todos para a sociedade. Eles relatam a escola como realidade da sociedade.



O “EU” NO CENTRO	O “OUTRO” (SUJEITO COM AUTISMO) NO CENTRO	O “NÓS” NO CENTRO
0	3	9

Exemplos:

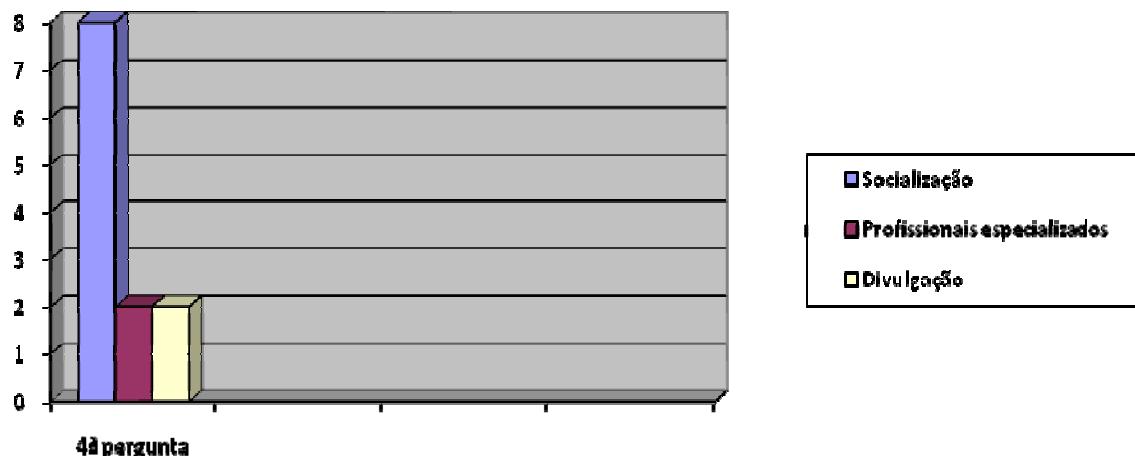
- Desenvolvimento da criança: “Resgatar, aceitar, compreender e acreditar no processo de desenvolvimento.
- Preparação para a sociedade: “Fazer uma ponte que integre o sujeito com autismo dentro da sociedade em que ele convive.
- Conscientização: “A escola tem o papel de conscientizar, ensinar as crianças que todas elas são iguais, mas que existem as diferenças [...]”.

4. Quais os recursos que você julga necessário para contemplar espaços de socialização para o sujeito com autismo?

Nesta pergunta observou-se que ao contrário das outras, aqui os recursos apareceram de forma a incidir principalmente no aluno com autismo, onde o seu centro de interesse seja o foco principal. O “Nós” destacou um interação entre todos, reforçando os laços sociais existentes e os elucidando como um bom recurso de mobilização.

Na sua maioria, os entrevistados entenderam os recursos como algo além dos espaços físicos, destacando momentos em grupos especializados ou não. Citaram também salas de aulas extras, especificando as que o aluno citado mais gosta de ir.

Uma pessoa disse que os espaços podem ser criados por meio de conversas e explicações sobre o assunto. Entendeu-se que ele pensou no macro, ou seja, de uma forma geral, incluindo espaços fora da escola.



O “EU” NO CENTRO	O “OUTRO” (SUJEITO COM AUTISMO) NO CENTRO	O “NÓS” NO CENTRO
0	5	7

Exemplos:

- Socialização: “Uma sala de aula diferenciada com jogos didáticos, brinquedos e outros materiais de exploração e manipulação”.
- Profissionais: “Pessoas capacitadas para lidar com o desenvolvimento da criança[...]”.
- Divulgação: “Campanhas publicitárias, palestras em colégios, igrejas e lugares públicos em geral. Isso faria com que as pessoas aprendessem mais sobre o autismo criando assim esse espaço”.

5. Para você como deve ocorrer um laço social dentro da escola que beneficie uma boa inclusão educacional e social?

Nesta quinta pergunta observou-se que a maioria dos entrevistados se colocaram no meio do processo, se vendo dentro do laço social que rodeia a escola. As respostas trouxeram vários ambientes e áreas da vida, como a afetividade, inclusão, respeito, limites etc.

Também foi citado a capacitação dos funcionários do colégio para poderem trabalhar com essa criança. Outro ponto forte foi a socialização de meios e de convívios com essa criança, sempre respeitando os seus limites e suas capacidades.



O “EU” NO CENTRO	O “OUTRO” (SUJEITO COM AUTISMO) NO CENTRO	O “NÓS” NO CENTRO
0	2	10

Exemplo:

- Sem preconceitos: “É preciso excluir rótulos como deficiência, incapacidade, retardo e tantos outros e acreditar na capacidade da pessoa de fazer ser”.
- Capacitação dos funcionários: “Instruir os docentes e funcionários para saber como agir com o aluno especial”.
- Socialização: “A criança deve participar de todas as atividades propostas, levando sempre em consideração o seu prazer de estar junto”.

Em todas as entrevistas foi observado que as pessoas se basearam na própria observação para responder as perguntas. Algumas puderam responder com base em dados e definições mais convencionais.

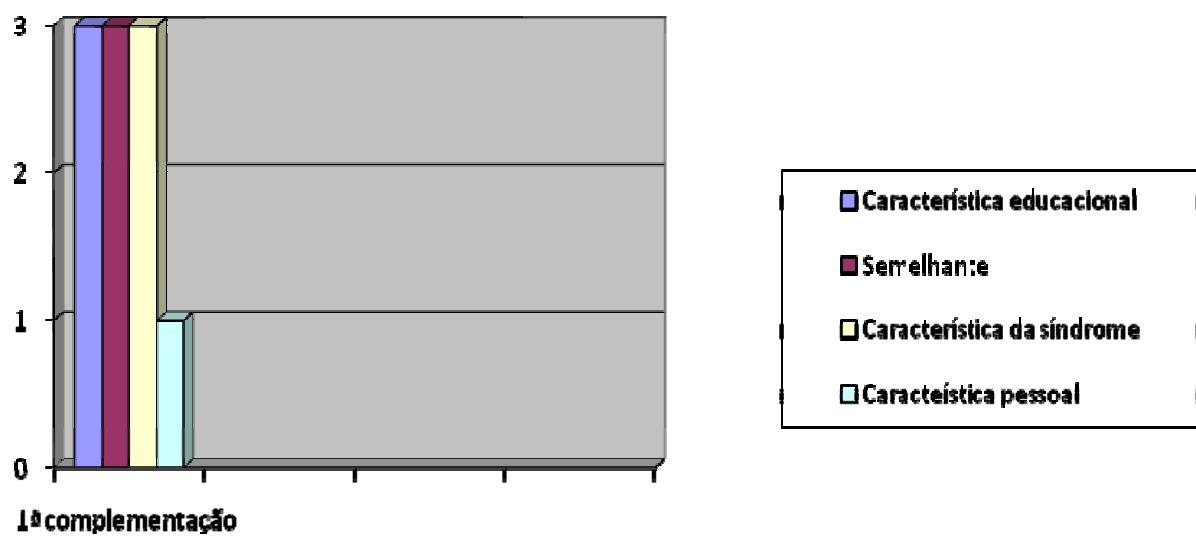
Nenhum se colocou sozinho no processo de construção do laço social, mas por diversas vezes eles disseram que a criança com autismo tem um movimento mais solitário, partindo dela para a educação ocorrer, porém a maioria explicitou o laço social como meio de inclusão não só na escola, mas na própria sociedade.

Também foi observado que alguns deram respostas diferentes no mesmo questionário, por exemplo, na segunda pergunta citavam a capacitação dos professores, mas na quarta, onde se fala em recursos, não citavam isso como prioridade

A complementação de frases foi usada aqui, seguindo a orientação de Fernando González que diz em seu GT Psicologia da Educação com o tema “A pesquisa e o tema da subjetividade em educação” que “a subjetividade coloca a definição da psique num nível histórico-cultural, no qual as funções psíquicas são entendidas como processos permanentes de significação e sentidos”. A escola é uma construção inseparável da sociedade e elas interagem e passam a nortear os laços sociais existentes entre os sujeitos envolvidos.

1. A criança com autismo é...

Na primeira complementação de frases, foi percebido que os entrevistados usaram de características educacionais para definir a criança com autismo, usaram da sua experiência para dizer que elas precisam de mais atenção e de um acompanhamento especial. Outros se referiram a ela como alguém com potencialidades iguais as demais. Ainda teve aqueles que trabalharam com as características citando a falta de interação social e falha na comunicação. Por último houve uma pessoa que citou uma característica da criança em questão, trazendo o fato de ela ser muito carinhosa.



Exemplo:

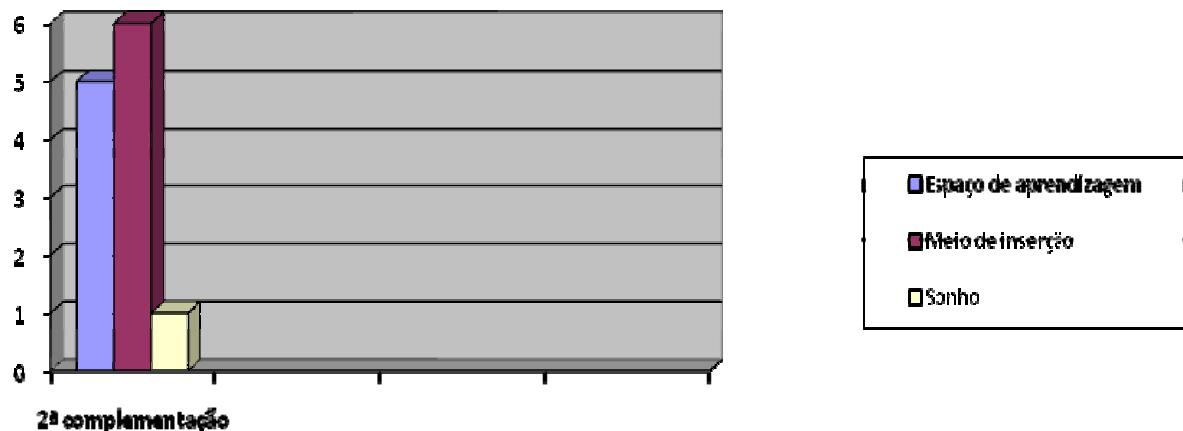
- Característica educacional: “Uma criança normal que necessita de um

acompanhamento especial”.

- Semelhante: “Igual a todas as outras”.
- Características da síndrome: “Alguém com dificuldade de interação social”.
- Característica pessoal: “Carinhosa”.

2. Uma escola inclusiva é...

Aqui observou-se que a escola inclusiva se encontrou em dois pontos, o primeiro como espaço para o desenvolvimento da criança, a relação ensino-aprendizagem. Do outro lado ela foi encarada como meio de inserção dessas crianças no convívio social, em uma preparação para que todos se respeitem. Apenas uma pessoa disse que essa escola, é um sonho e está longe de acontecer.



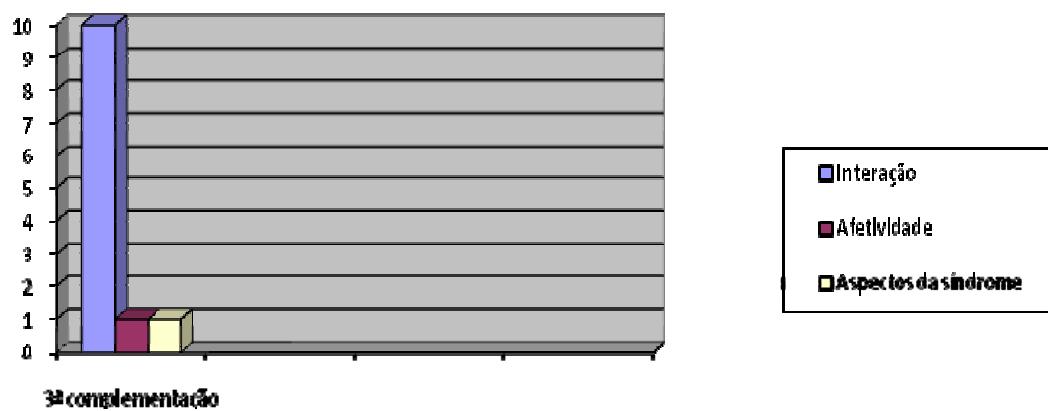
Exemplos:

- Espaço de aprendizagem: “Uma escola que promova a educação para pessoas especiais”.
- Meio de inserção: “Um espaço para viver a diversidade”.
- Sonho: “Um sonho longe de acontecer, levando em consideração os parâmetros”.

3. O laço social é constituído a partir de...

Nesta complementação apenas uma pessoa citou a característica da síndrome, os

demais citaram a interação entre a família, a sociedade e a escola, outros trouxeram a afetividade como forma de se criar um laço social que constitua uma ligação entre todos os atores da escola.

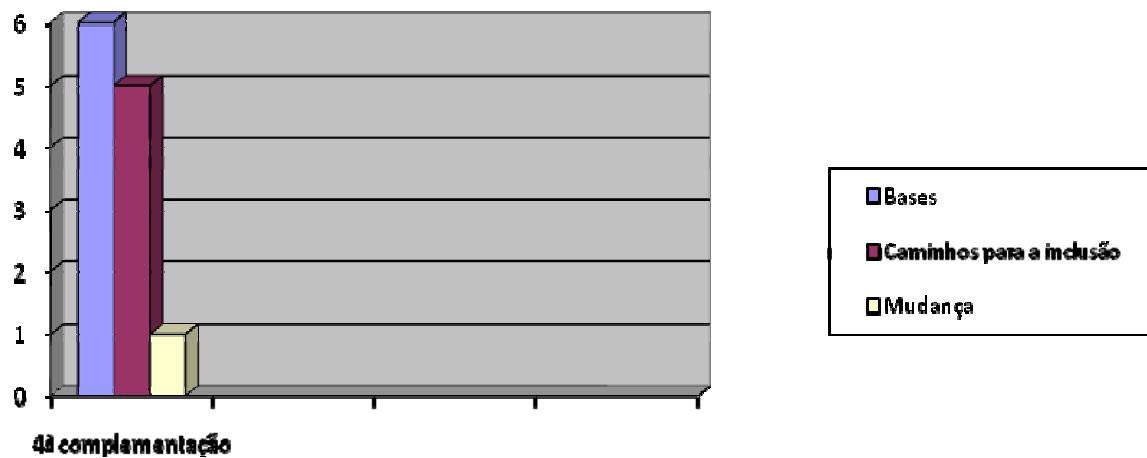


Exemplo

- Interação: “Interações com a sociedade, família e a escola”.
- Afetividade: “Uma atenção e cuidado para com o autista”.
- Aspectos da síndrome: “Iniciativas tomadas para o bem da síndrome”.

4. A escola e a sociedade são...

Aqui, as respostas trouxeram a escola e a sociedade como complementação uma da outra. Os entrevistados trouxeram ideias e concepções que demonstram que essas instâncias são as bases de construção de valores e questões para a vida. Também relataram que elas podem ser os caminhos para uma boa inclusão, já que é através delas os laços são possíveis. Ainda teve aqueles que as colocaram como meio de mudança social. Mas todos trabalharam com as questões sociais dos laços.



Exemplos

- Bases: “Os caminhos possíveis para a vida”.
- Caminhos para a inclusão: “Responsáveis pela educação inclusiva”.
- Mudança: “Meios para mudarmos o mundo”.

5. A educação pode...

Nessa quinta complementação todos responderam na mesma categoria, dizendo que a educação é fonte de mudança para um mundo melhor. Disseram também que ela pode transformar vidas e incluir todos num grande grupo, e este sem dúvida seria mais evoluído em respeito e igualdade. Mas que ela também pode, quando não bem trabalhada, desenvolver situações de segregação entre os seus.

Exemplos

- “Fazer um mundo melhor”.
- “Incluir ou excluir”.
- “Transformar a vida”.

As entrevistas trouxeram situações bastante rotineiras dentro das escolas. Foi percebido que muitos responderam partindo de fato, da sua relação com a criança com autismo. Temas que foram abordados nas suas respostas remontam os laços sociais que se estabeleceram e reforçam o período de transição pelo qual a educação inclusiva está passando, ou seja, onde a educação e a sociedade passam a ressignificar a imagem e a interpretação de

crianças com necessidades educacionais especiais.

A questão do tratar a criança com significados já existentes em definições e dicionários pode demonstrar um grau de conhecimento, e nesse caso de pouco conhecimento sobre o assunto, mas também pode trazer questões de interação. O que está ficando para essas pessoas sobre o tema? E na maioria das vezes, aconteceu dessas mesmas pessoas deixarem para o “outro” o mudar, o aceitar, o fazer. Segundo Candau (2005) a relação que se constroem na maior parte das vezes se baseia no etnocentrismo, onde o outro é o errado, o que necessita mudar.

Como Baptista (2009) relata em sua livro, a “palavra” é uma via de mão dupla, ao tempo em que ela se une com as demais falas, ela se rompe, em um movimento de mútua interferência social. Vindos de uma exclusão que é cultural, foi observado na fala dos entrevistados palavras como igual, diferente, atraso, dificuldade, normal e diferente. E como isso interfere nos laços que estão sendo formados?

Candau (2005) e Laraia (2007) já se referiam a este processo, afirmando que culturalmente o outro sempre recebe a ação de ter que mudar, aquele que vai fugir aos processos de normalidade, e independente de aqui as relação com uma criança especial servirem de apoio para sustentar a diferença, é importante ressaltar que esse tipo de intervenção provem de muitos anos atrás e apenas encontramos situações que ainda o comprovam.

Por vezes, o outro é sempre o diferente e os laços sociais podem permanecer com essa idéia ou propor construções que fujam de significados clínicos e diagnósticos e incentivo as relação sociais como forma de compreensão.

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por uma educação eficiente que se baseie não em meios centrados em crianças conhecidas como “normais” é algo que vem sendo discutido em vários setores da educação. Concepções que carregam o paradigma da normalidade trazem características e estereótipos que marcam muito a educação especial como a educação dos “anormais”.

Como Laraia (2007) diz a cultura perpassa todos os espaços e caminhos dos sujeitos, ela é uma das maiores formações que se constroem na vida. Com ela se valida e se cria como Quintaneiro (2003) citando Marx Weber já dizia que as relações sociais são como teias de interação. Esse movimento não é único, ou seja, todos se influenciam e são influenciados, uns mais que outros, porém elas existem e demandam atenções que despertaram para a construção do tema deste trabalho.

Laços sociais podem mudar questões como preconceito, incapacidade e tantos outros nomes os quais se dão às crianças que apresentam uma necessidade educacional especial. A sociedade é uma fonte que estrutura boa parte das paredes das escolas e a em questão aqui não é diferente. Amarrrar um laço social é garantir ao outro a possibilidade de estar no discurso, nas instituições sociais e, na própria sociedade, interagindo e modificando-a como qualquer outro cidadão e cidadã.

A educação segundo Rizzo (1983), vem mostrando a sua relação com a sociedade, e como elas se enfrentam e se constroem num movimento conjunto, embora por vezes, elas se confundam, os meios de interação social reconfiguram estruturas e montam novos horizontes e a educação inclusiva é nova, mas pode ressignificar a capacidade dessas crianças em modificar os papéis e espaços até hoje recebidos.

A educação tem valor de mudança, não só estrutural, mas social, trazendo para frente uma criança que por vezes foi desvalorizada e negada, e como num movimento cíclico, sem mudanças, ela continuaria a ser marginalizada socialmente.

O interesse dessa pesquisa foi justamente esse, a compreensão dos laços sociais que se configuram dentro da escola e que podem transformar a realidade, e nessa busca se encontrou alguns problemas com as pessoas da pesquisa, pois muitos não deram a devolutiva dos questionários, mas tanto nos desenhos como nas entrevistas, demonstraram uma valorização com essa criança. Compreendendo por vezes suas características e modificando suas concepções, afrouxando os nós do erro e apertando os laços do reconhecimento.

Com a pesquisa também foi percebido que as mudanças que ocorrem com a criança são percebidas por todos, como o fato de o aluno estar ficando na sala de recurso na hora da aula “normal”, isso causou um impacto principalmente nos colegas de classe da criança.

Assim, se percebeu que os laços que se constroem nas escolas podem sim mudar as concepções das pessoas, e como elas estimulam crenças e valores nas pessoas. O fato de na pesquisa ter aparecido questões como ideias de livro, dicionários e características da síndrome se percebe que muito ainda há que ser feito, mas também se observou que muitos perceberam características dele enquanto sujeito e a maioria se colocou no meio do processo de inclusão e não apenas como consequência dessa ação.

Num círculo, a sociedade molda parte da escola, valorizando os laços sociais e percebendo que a educação pode transformar os sujeitos que participam dela e que possuem uma chance maior de serem reconhecidos na sociedade. Esses alunos não são somente o futuro na nação, são a construção de um mundo mais igualitário de oportunidades, não de estereótipos.

PARTE III – PERSPECTIVA PROFISSIONAL

III – Perspectivas profissionais:

Que eu me encontrei no curso de pedagogia e amo o que faço, todos que me conhecem já sabem. O que mais escuto hoje é “e agora, o que vai fazer?”. Não sou muito do tipo que fica planejando e nem idealizando um futuro longínquo, admito que não sei lidar muito com frustrações e o que me permite realizar é crer que enquanto houver prazer pelo que faço serei feliz. Sonhos? Sim, com certeza, muitos. Como já mencionei fui educada acreditando neles. Meu futuro deve ser guiado pelos meus sonhos, concordo, mas enquanto ele se constrói com o tempo futuro, eu sonho no presente. Então aqui, deixo meus sonhos e desejos, e espero que o meu eu futuro tenha o prazer de conseguir realizar.

Entendo que a sabedoria vem com o tempo e a experiência traz não só compreensão, mas conhecimento. Espero poder continuar trabalhando na área de educação especial e inclusiva com o mesmo entusiasmo que me assola hoje, e assim possa ver um mundo longe de misturas globais que anulem a diversidade, mas que respeite e dê oportunidades de educação a todos e para todos.

Se não posso mudar o mundo todo, quero ao menos auxiliar nas construções de pequenos mundos que estarão em minha sala e observar o efeito cascata que penso ser mais concreto nas amarrações de laço sociais. Vejo a educação com os olhos do respeito e assim quero prosseguir.

Ainda quero me aperfeiçoar com uma pós-graduação e mestrado na área de educação especial e inclusiva e realizar um curso sobre o autismo para conseguir trabalhar melhor na defesa dessa educação. Também pretendo buscar formas de me incluir em clínicas como psicopedagoga e me tornar mais humana ao toque do outro.

Quero poder auxiliar a educação no seu crescimento como meio de inclusão não só de pessoas com necessidades especiais, mas na construção de laços que afirmem uma igualdade para além do físico.

Mas para além de pretensões profissionais, quero nunca perder o amor pelo que faço e o carinho e força que me motivam nessa caminhada tão gratificante.

“Eu vejo a vida
Melhor no futuro
Eu vejo isso
Por cima de um muro
De hipocrisia
Que insiste
Em nos rodear...
Eu vejo a vida
Mais clara e farta
Repleta de toda
Satisfação
Que se tem direito
Do firmamento ao chão...”

Lulu Santos

Referências Bibliográficas

- ANDRÉ, M. E. D. A. de. Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. Brasília. Livro.
- ARAUJO, C. A. S. Dissertação de Mestrado da autora "Contribuições de D. W. Winnicott para a etiologia e a clínica do autismo", sob orientação do Prof. Dr. Zeljko Loparic, foi publicado na revista Estilos da Clínica, ano VIII, n. 14, 1º semestre de 2003, IPUSP.
- BAPTISTA, C. R. (Org). Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. Porto Alegre, 2006.
- _____. Autismo e Educação. Porto Alegre. Artmed, 2002.
- BARROS, C. PAULINO, W. Ciências: física e química. Ed. Ática. 59º edição. 2006.
- BEYER, H. Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre. Mediação, 2005.
- BOAVENTURA, E. M. A educação na constituição de 1988. In: revista de informação legislativa. Brasília, nº 116, 2992.
- BOSA, C. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: autismo e educação. Porto Alegre: Artmed, 2002. P 21-39.
- BRANDÃO, C. R. O que é educação? 33ª Ed. Brasiliense. São Paulo, 1995.
- CANDAU, V. M. (Org). Reinventar a Escola. Petrópolis, Vozes, 2000.
- CASO. Portal.unesco.org/culture/en/files/29712/...pdf lais-krucken-pereira.pdf
- CUNHA, E. Autismo e Inclusão: psicopedagogias e práticas na escola e na família.
- D'ANDREA, F.F. Desenvolvimento da personalidade. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2001.
- DEMO, P. A nova LDB, ranços e avanços.
- Educação em Revista. Dossiê File- Psicanálise e Educação. Vol. 25. Belo Horizonte. Abril/2009
- FILLOUX, J. C. Psicanálise e Educação, pontos de referência. Revista ETUDES PSYCHOTHE-RAPIQUES. Nº 65, 1986.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25ª Ed. Paz e Terra Coleção Leitura, 1996.
- _____. Pedagogia do Oprimido. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor. 1997.

- FREITAS L. B. de L; SHELTON, T. E. Atenção à Primeira Infância nos EUA e no Brasil. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Maio e Agosto de 2005. Vol. 21. P. 197-205.
- FREUD, S. O mal na civilização. 1930. In: FREUD, S. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GADOTTI, M. e ROMÃO, José (org.) Autonomia da escola: princípios e propostas. São Paulo: Cortez, 1997.
- GOUVEIA, M. C. S. de. Infância, sociedade e cultura. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2002. P 13-29.
- GRINGNON, C. Cultura dominante, cultura escolar e multiculturalismo popular. Petrópolis, Vozes, 1995, 178-189.
- JUSTO, J. S. A psicanálise lacaniana e a educação. P 71-103
- KUHLMANN JUNIOR, M. Infância, história e educação. Porto Alegre. Mediação, 1998. P 15-42.
- KUPFER, M. C. Psicose e autismo na infância: problemas diagnósticos. In: Estilos da Clínica. Vol. IV. Nº 7. SP USP-IP. P 96-107.
- LARAIA, R. de B. Cultura um conceito antropológico. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997.
- LOPES, M. C.; HATTGE, M. D. (Org). Inclusão escolar: conjunto de práticas que governam. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2009.
- MACIEL, M. R. Sobre a relação entre educação e psicanálise no contexto das novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro. Publicação em 2005.
- MEDEIROS, M. (org.) Deficiência e igualdade. Brasília. Letras Livres. UnB, 2010.
- O desenho infantil e a construção da significação: um estudo de caso
- OMOTE, S. A deficiência como fenômeno socialmente constituído. Conferência, XXI Semana s Faculdade de Educação, Filosofia, Ciências Sociais e da Documentação. UNESP, Marília, 1988.
- PEREZ-GOMES, AI. A cultura critica. A cultura social. In A cultura escolar na sociedade neoliberal. Porto Alegre, Artmed, 2001, 21-130.

QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M. L. de O; OLIVEIRA, M. G. M. Um toque de clássicos. Marx, Durkheim e Weber. 2^a Edição Revista e Ampliada 1^a Reimpressão. Belo Horizonte. Ed UFMG., 2003.

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil- RECNEI. Ministério da educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

RIZZO. G. Fundamentos e Metodologia da Alfabetização: Método Natural (participação de Eliane Legey) - Editora Francisco Alves; Rio de Janeiro- RJ; 182 págs. - 1985 - (7 edições).

RODRIGUES, F. L. V. A produção escrita de sujeitos em estruturação psicótica: para além das letras. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 218 f. Dissertação – Faculdade de educação Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

TOSI, A. Sociologia da Educação. Rio de Janeiro, DP&A, 2004.

UNESCO. Informe mundial sobre a cultura (2000). Diversidade Cultural, conflito e pluralismo. SP, Moderna, Paris: UNESCO, 2004.

YGOTSKY, L. S. Psicologia Pedagógica. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003. 311 p.

WILLIMS, C. Convivendo com autismo e síndrome de asperger: estratégias para pais e profissionais. M. Books do Brasil Ltda. São Paulo, 2008.

ANEXOS

Desenhos das crianças, modelo do Termo de Consentimento Esclarecido e entrevista aplicada na escola.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores (as),

Sou orientanda do Curso de Pedagogia, realizado pela Universidade de Brasília (UnB) e estou realizando um estudo sobre A ESCOLA COMO CONFIGURAÇÃO DE LAÇOS SOCIAIS: A INCLUSÃO DE UM SUJEITO COM AUTISMO.

Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa um questionário com 5 questões e 5 Complementações de frases que buscam entender a relação entre a escola e a sociedade e como uma pode interferir no cotidiano da outra, visando uma maior integração entre o espaço escolar e a inclusão de sujeitos com autismo o que pode mudar os laços sociais existentes. Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo a você. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone (061) 99499890, ou no endereço eletrônico t_carol@hotmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Thaíze Caroline S. de Oliveira - Orientanda da UnB

Concorda em participar do estudo? () Sim () Não

Nome:

Assinatura:

E-mail (opcional):



UNIVERSIDADE DE BRASILIA
Faculdade de Educação

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

DADOS PESSOAIS

IDADE: _____

SEXO: _____

FORMAÇÃO: _____

CURSOS: () SIM () NÃO QUAL? _____

TEMPO DE SERVIÇO NA INSTITUIÇÃO: _____

Caro colaborador (a),

Este questionário é parte importante de uma pesquisa para elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Por favor, responda com a maior exatidão possível. Não há respostas certas ou erradas. O que interessa é conhecer seu ponto de vista sobre o assunto em questão. Sua atenção e colaboração serão de grande valia para esta pesquisa. Não é necessário assinar o questionário e sua identidade será mantida em sigilo. Qualquer dúvida sobre a pesquisa pode ser enviada para t_carol@hotmail.com.

Desde já, os meus agradecimentos.
Thaíze Caroline S. de Oliveira

PERGUNTAS

1. Em uma perspectiva de educação inclusiva, o que você entende por incluir?

2. Uma perspectiva inclusiva é suficiente para a inclusão de crianças com autismo?

3. Qual o papel da escola na construção de um laço social entre o sujeito com autismo e a sociedade?

4. Quais os recursos que você julga necessário para contemplar espaços de socialização para o sujeito com autismo?

5. Para você como deve ocorrer um laço social dentro da escola que beneficie uma boa inclusão educacional e social?

COMPLEMENTAÇÃO DE FRASES

1. A criança com autismo é _____

_____.

2. Uma escola inclusiva é _____

_____.

3. O laço social é constituído a partir de _____

_____.

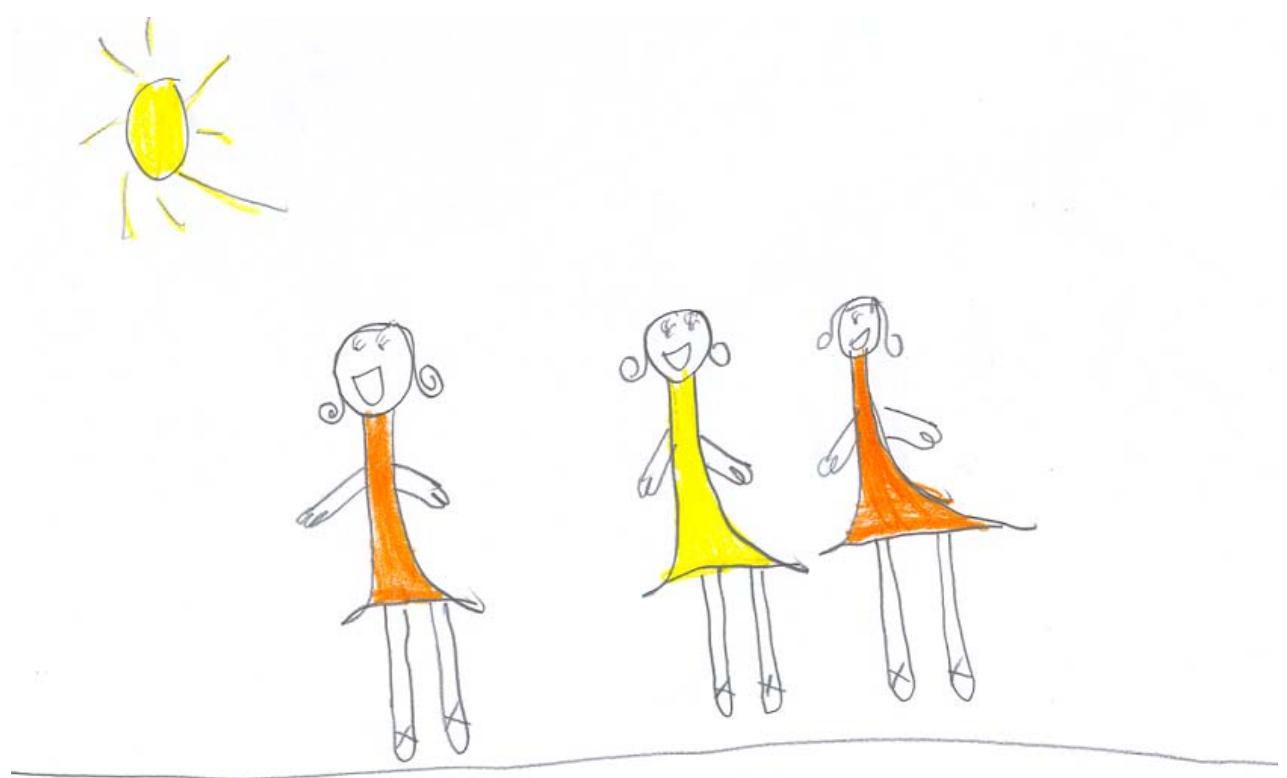
4. A escola e a sociedade são _____

_____.

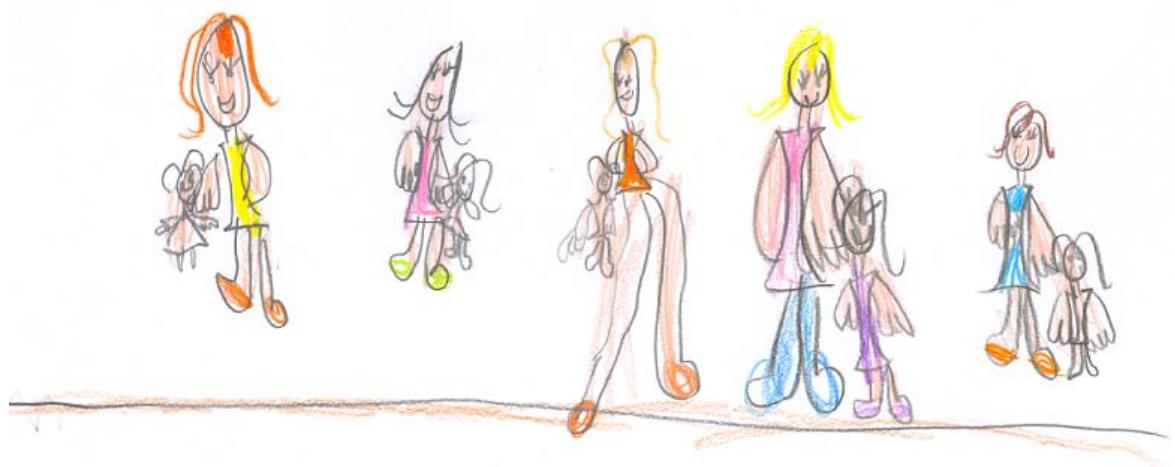
5. A educação pode _____

_____.

DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS.



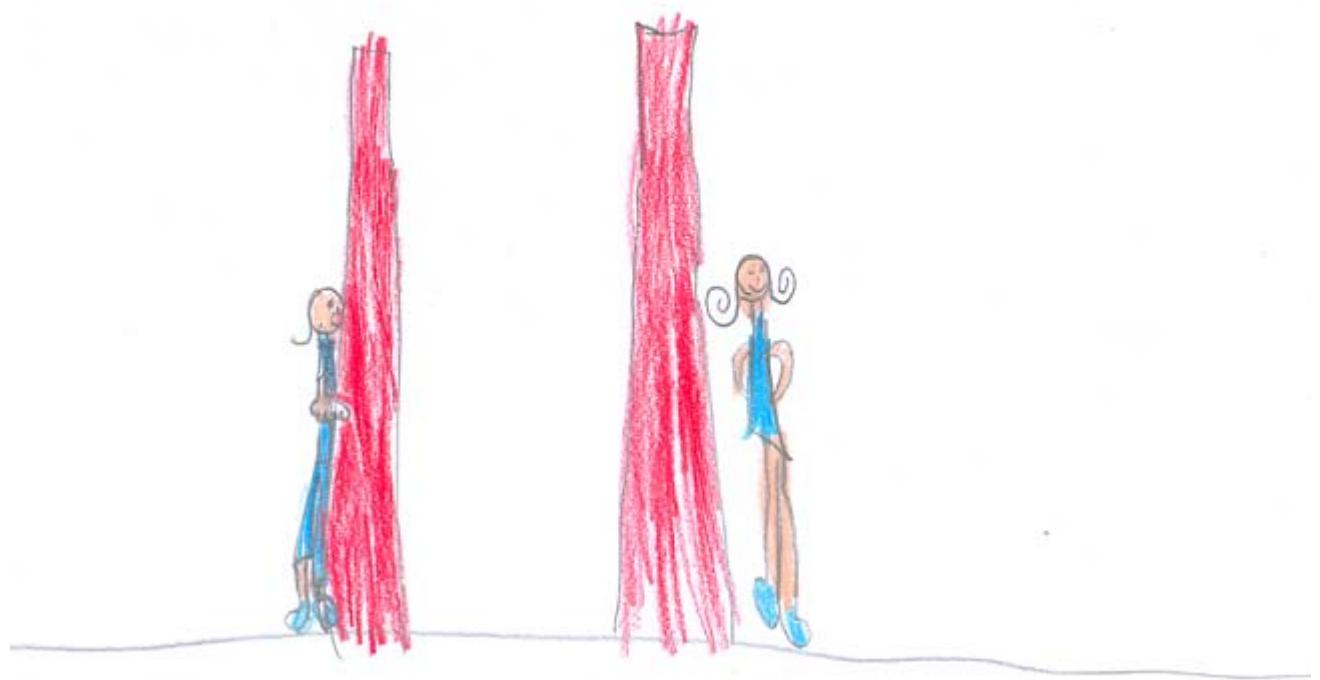
DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS.



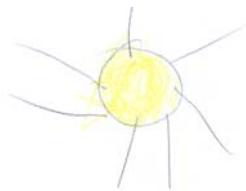
DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS.



DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS.



DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS.



DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS.



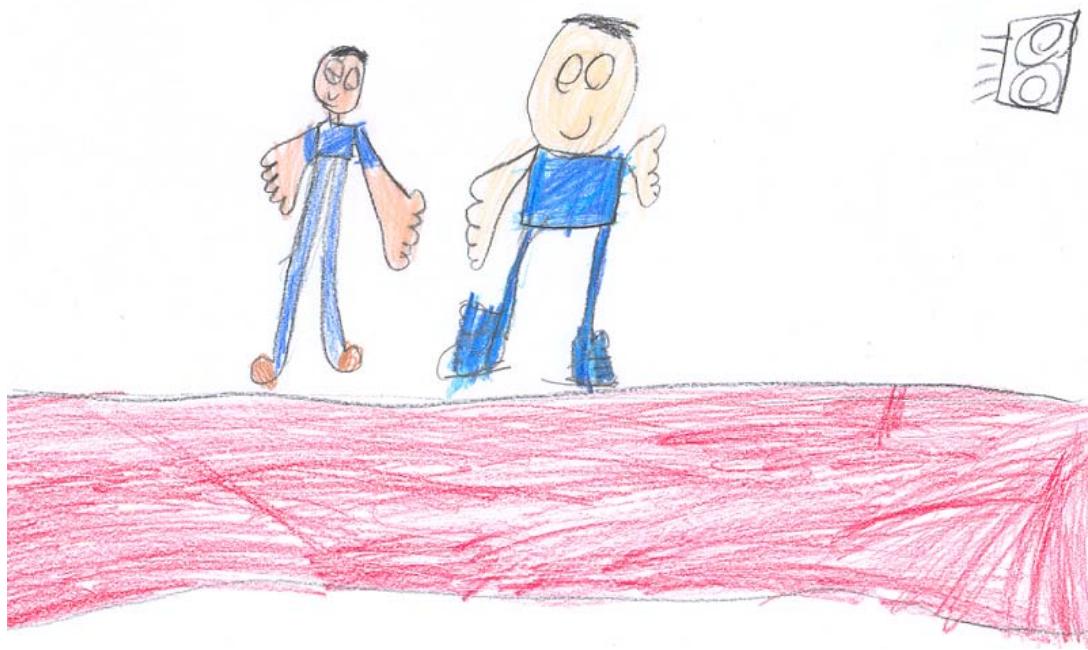
DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS.



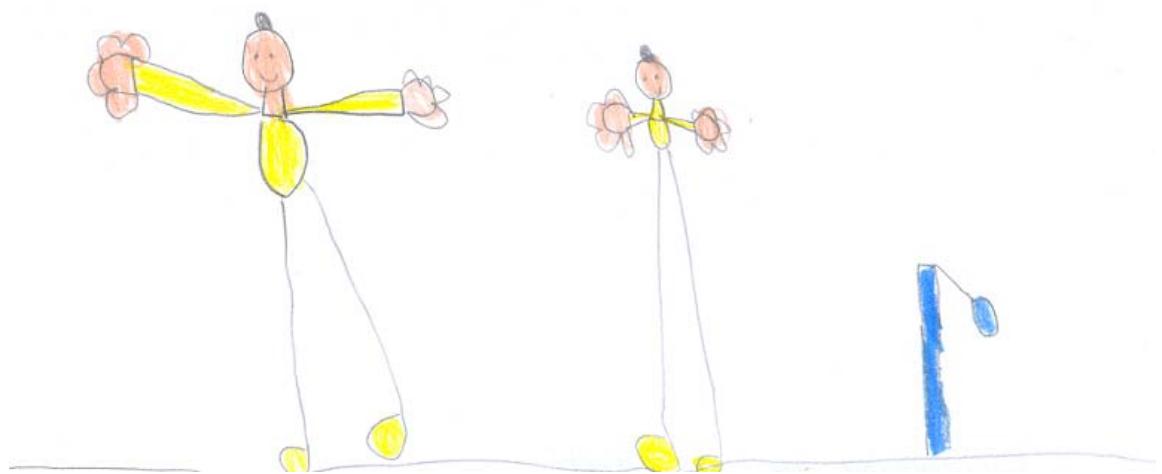
DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS.



DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS.



DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS.



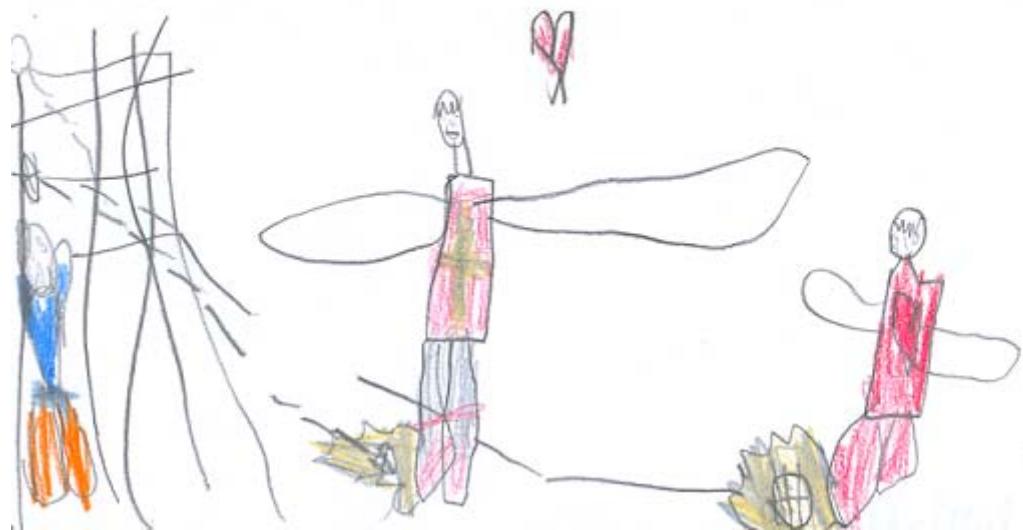
DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS.



DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS.



DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS.



DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS.



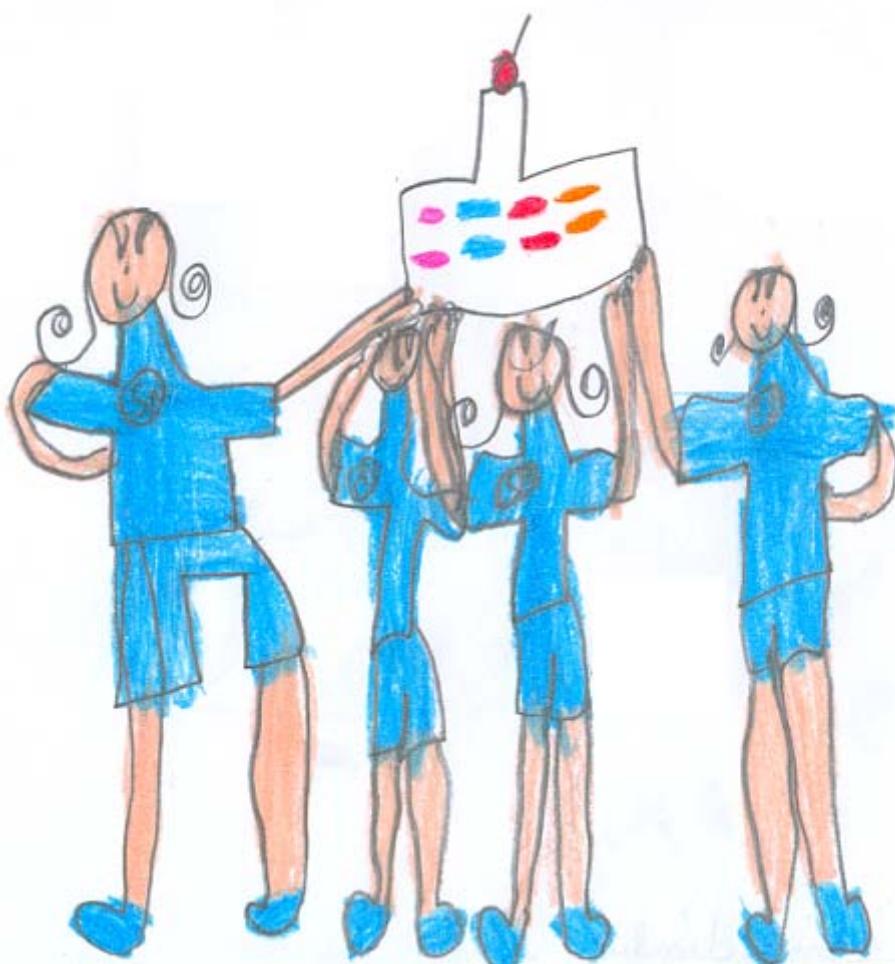
DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS.

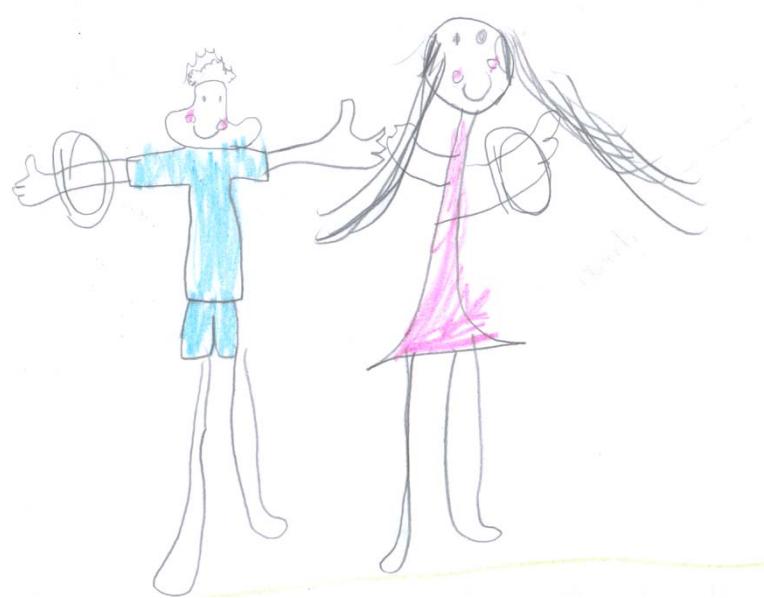


DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS.



DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS.



DESENHE VOCÊ BRINCANDO COM OS SEUS COLEGAS

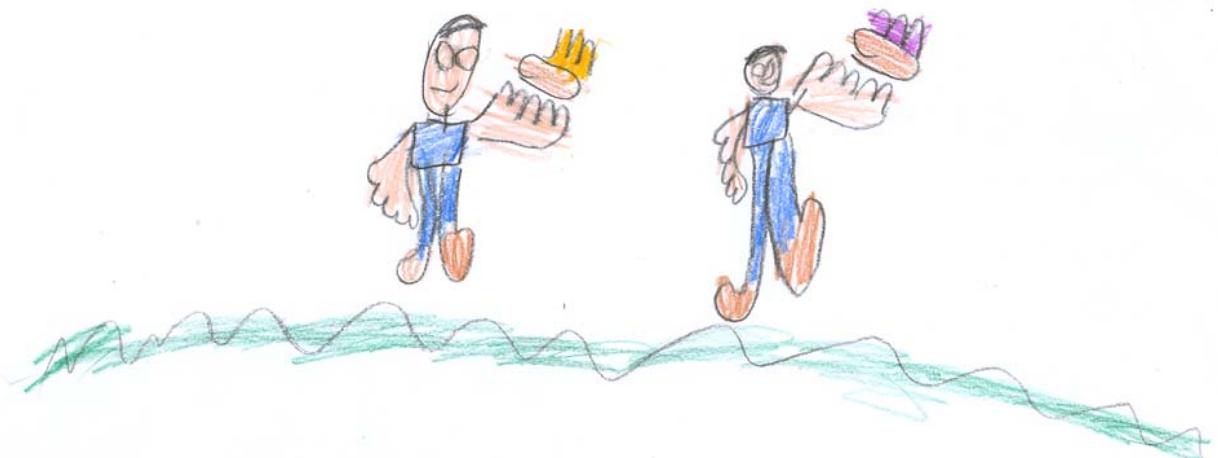
**DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA
ESCOLA COM OS SEUS COLEGAS.**



**DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA
ESCOLA COM OS SEUS COLEGAS.**



**DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA
ESCOLA COM OS SEUS COLEGAS.**



**DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA
ESCOLA COM OS SEUS COLEGAS.**



**DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA
ESCOLA COM OS SEUS COLEGAS.**



**DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA
ESCOLA COM OS SEUS COLEGAS.**



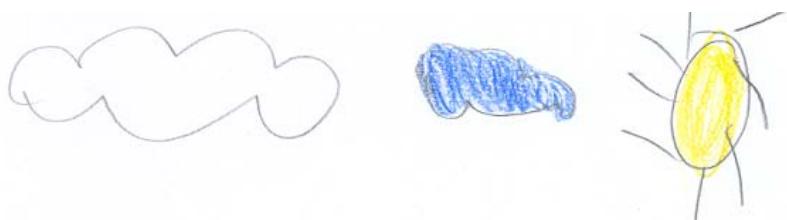
**DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA
ESCOLA COM OS SEUS COLEGAS.**



**DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA
ESCOLA COM OS SEUS COLEGAS.**



**DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA
ESCOLA COM OS SEUS COLEGAS.**



**DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA
ESCOLA COM OS SEUS COLEGAS.**



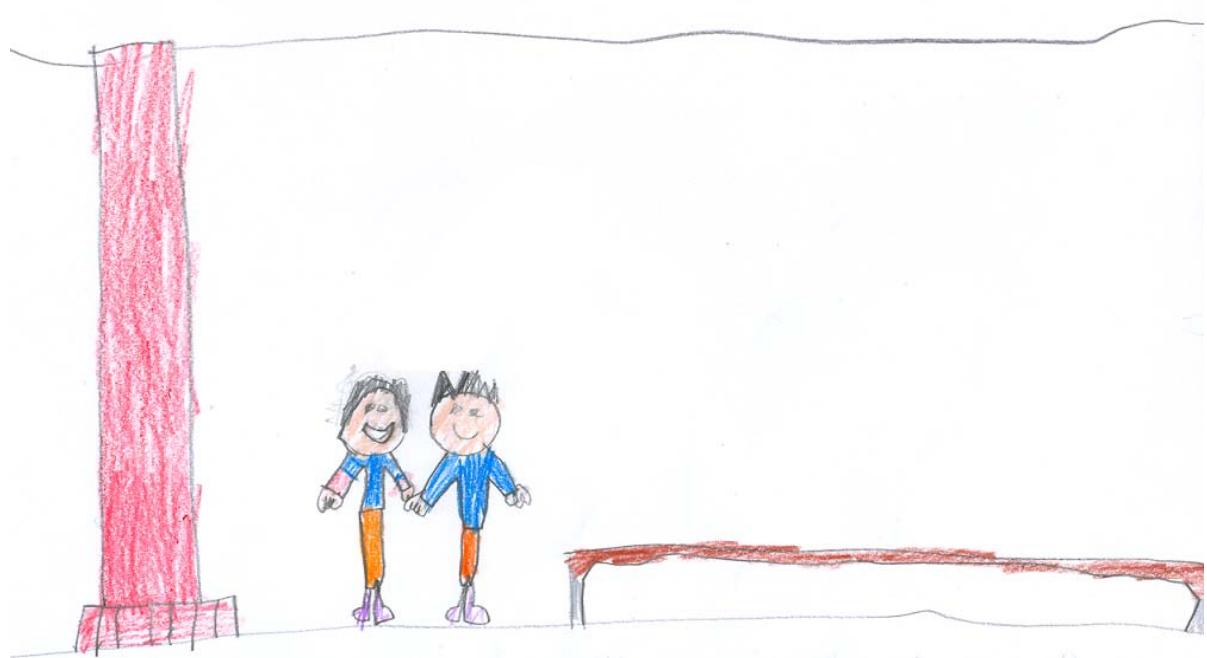
**DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA
ESCOLA COM OS SEUS COLEGAS.**



**DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA
ESCOLA COM OS SEUS COLEGAS.**



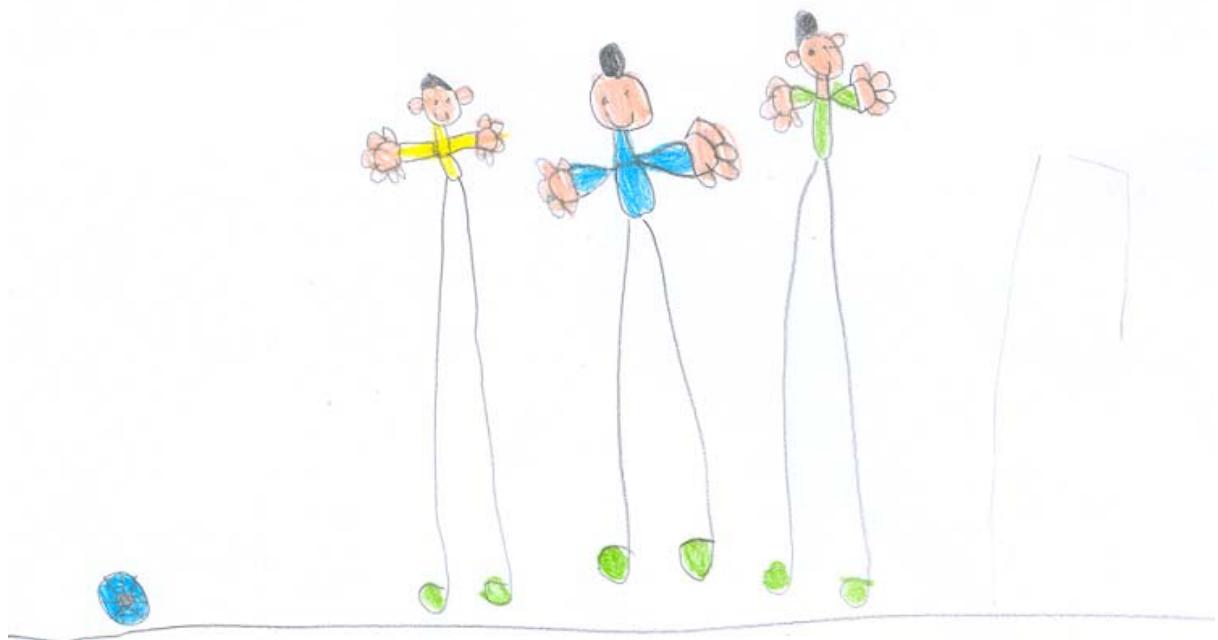
**DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA
ESCOLA COM OS SEUS COLEGAS.**



**DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA
ESCOLA COM OS SEUS COLEGAS.**



**DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA
ESCOLA COM OS SEUS COLEGAS.**



**DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA
ESCOLA COM OS SEUS COLEGAS.**



**DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA
ESCOLA COM OS SEUS COLEGAS.**



**DESENHE VOCÊ EM UM MOMENTO ESPECIAL DENTRO DA
ESCOLA COM OS SEUS COLEGAS.**

